



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

APAGAMENTO DA SIBILANTE FINAL EM LEXEMAS:
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DO FALAR PESSOENSE

SILVIA RENATA RIBEIRO

JOÃO PESSOA - PB

2006

SILVIA RENATA RIBEIRO

APAGAMENTO DA SIBILANTE FINAL EM LEXEMAS:
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DO FALAR PESSOENSE

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Dermeval da Hora, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de mestre em Letras.

JOÃO PESSOA - PB

2006

SILVIA RENATA RIBEIRO

APAGAMENTO DA SIBILANTE FINAL EM LEXEMAS:
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DO FALAR PESSOENSE

Dissertação aprovada em: ____ / ____ / ____

EXAMINADORES

Prof. Dr. Dermeval da Hora – Orientador

Membro

Membro

Para *Jane*, sempre.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

Aos meus pais, Sílvio e Jane, e aos meus irmãos Paulo (Mariana) e Heloísa, por estarem ao meu lado sempre, incondicionalmente.

A Roncalli, pela paciência, companhia e carinho, e, através dele, à família Pinheiro.

Aos demais membros da minha família, pelo apoio sempre presente.

Ao Prof. Dr. Dermeval da Hora, um propulsor de movimento dentro da UFPB.

A D. Cida, pelo carinho imenso com que trata todos que fazem parte do VALPB.

A todos os colegas, professores e funcionários vinculados ao VALPB, em especial a Jones e Keith, que me ajudaram com o *abstract*, e a Marla, que me substituiu como bolsista de iniciação científica e depois se tornou uma das minhas mais queridas amigas.

Aos colegas do curso de mestrado, em especial ao amigo André Pedro, pela companhia indispensável durante as disciplinas e toda a elaboração do trabalho, e a Fernanda Rosário, pelo sorriso que tantas vezes me tranqüilizou.

Aos amigos Jânsen, Leonardo, Simone, Raquel, Irlane, Adivânia, Janaíne, Rachel e Eduardo, enfim, a todos da minha turma de graduação em Letras, pelo incentivo, companheirismo e atenção.

Às amigas Rocio Serrano e Yarana Gomes, pelas conversas essenciais na etapa de conclusão deste trabalho.

Às amigas de sempre Maja, Ana Flávia, Carol, Patrícia e Tamara.

À amiga Josemília Guerra, pessoa fundamental em todas as fases da minha vida.

Aos amigos indispensáveis Liane Schneider e Lauro Martins, pois, sem a presença deles, esses últimos anos teriam sido bem menos divertidos.

A Jôse, pelo carinho e apoio constante.

Aos amigos Geanne, Fabiano, Raniere e Márcia, pelas noites conflituosas e maravilhosas que tivemos juntos desde que nos conhecemos.

Enfim, a todos os que conviveram comigo durante esses dois anos de mestrado, por terem me escutado tantas vezes e compartilhado tantas alegrias e angústias que estiveram sempre presentes durante todo esse período.

A fala distingue o homem dos outros animais, assim como as línguas distinguem as nações entre si”.

Jean-Jacques Rousseau

Ensaio sobre a Origem das Línguas

RESUMO

A presente pesquisa parte de dados de língua falada, os quais compõem o corpus do projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba - VALPB, e se propõe a analisar o apagamento da sibilante em posição de coda final em lexemas, determinando quais fatores lingüísticos e extralingüísticos condicionam esse fenômeno. O ponto diferencial dessa análise, com relação aos demais estudos realizados anteriormente acerca desse fenômeno, consiste em focalizar a sibilante final que não se constitui em marcador de plural dos sintagmas nominais, com a finalidade de contribuir com os resultados obtidos para a discussão das relações entre forma e função lingüística. Assim, através da metodologia empregada pela Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1983), foi observado que, entre as restrições de caráter lingüístico, os contextos fonético/fonológico precedente e anterior, bem como o número de sílabas e o item lexical se mostraram como relevantes para o estudo do apagamento da sibilante final em lexemas. No que se refere às restrições extralingüísticas, ou sociais, todas que foram controladas nessa pesquisa se mostraram como relevantes (anos de escolarização, faixa etária, sexo). Ao se realizar o quadro comparativo entre os resultados da presente pesquisa com os de Carvalho (1997), que trata da sibilante final enquanto marca de plural, foi observado, por fim, que as restrições funcionais nem sempre atuam de maneira a impedir os processos de variação, uma vez que os resultados apontam para uma maior incidência do apagamento deste segmento em casos nos quais está revestido de função comunicativa.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Lingüística; Sociolingüística Quantitativa; Sibilante.

ABSTRACT

The present survey is based on the spoken language data from the project *Variação Linguística no Estado da Paraíba* (VALPB) and proposes to analyze the deletion of the coda sibilant at the end of words, determining which linguistic and social features trigger this process. In relation to previous surveys on this subject, this one contains a different aspect focusing on the final sibilant that is not a plural marker of word groups, aiming to contribute with the results gathered in the discussion about the relation between linguistic form and function. Thus, using the methodology of Sociolinguistics (LABOV, 1983), it was observed that in regards to the linguistic constraints the preceding phonetic/phonological features, as well as the number of syllable and lexical items, revealed themselves as relevant to the study of the deletion of the sibilant at the end of words. The following independent variables were controlled for and were considered statistically significant: (age, sex, and years in school). When realizing the comparative board between the present results with those of Carvalho's (1997) - dealing with the final sibilant as a plural marker – it was observed that the functional constraints do not always work to impede the process of variation, bearing in mind that the results point to a higher incidence of deletion of this segment in cases where it implies a communicative function.

KEY WORDS: Variation; Sociolinguistics; Sibilant.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

INTRODUÇÃO	13
1 OBJETO DE ESTUDO	20
1.1 A SIBILANTE FINAL DENTRO DA ESTRUTURA SILÁBICA	20
1.2 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO SISTEMA DE SIBILANTES FINAIS	25
1.2.1 A sibilante no quadro fonológico das consoantes finais em latim e em língua portuguesa	26
1.2.2 Caracterização das sibilantes finais em latim	27
1.2.2 A evolução do sistema de sibilantes finais em língua portuguesa	30
1.3 ESTUDOS VARIACIONISTAS ACERCA DO APAGAMENTO DA SIBILANTE FINAL	33
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	36
2.1 PRIMEIRAS REFLEXÕES ACERCA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICAS	37
2.2 A VISÃO DO ESTRUTURALISMO	40
2.2.1 Sincronia e diacronia	41
2.2.2 O estruturalismo diacrônico	43
2.3 O GERATIVISMO E A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	
2.4 A LÍNGUA EM SEU CONTEXTO SOCIAL: A VISÃO DA SOCIOLINGÜÍSTICA	

VARIACIONISTA	47
2.4.1 Variação e mudança	51
3 METODOLOGIA	57
3.1 DESCRIÇÃO DO CORPUS E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE	57
3.2 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS CONTROLADAS	61
3.2.1 A variável dependente	61
3.2.2 Variáveis independentes	65
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	72
4.1 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	74
4.1.1 Classe gramatical	75
4.2.2 Contexto fonético/fonológico precedente	79
4.2.3 Contexto fonético/fonológico seguinte	81
4.2.4 Número de sílabas	84
4.3 VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS OU SOCIAIS	85
4.3.1 Anos de escolarização	86
4.3.2 Faixa etária	88
4.3.3 Sexo	91
4.4 FORMA X FUNÇÃO COMUNICATIVA	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	107

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

QUADROS

Quadro 1	Caracterização dos informantes	58
Quadro 2	Relação de palavras	62

TABELAS

Tabela 1	Variação da sibilante final em lexemas	63
Tabela 2	Percentuais de apagamento e manutenção da sibilante final	64
Tabela 3	Apagamento da sibilante final em relação à classe gramatical	75
Tabela 4	Apagamento da sibilante final em relação aos itens lexicais <i>mas/mais</i>	77
Tabela 5	Apagamento da sibilante final em relação às vogais como contexto precedente	79
Tabela 6	Apagamento da sibilante final em relação ao glide [y] como contexto precedente	80
Tabela 7	Apagamento da sibilante final com relação ao contexto fonológico seguinte	82
Tabela 8	Influência do número de sílabas no apagamento da sibilante final	84
Tabela 9	Cruzamento entre palavras dissilábicas e tonicidade em relação ao apagamento da sibilante final	85
Tabela 10	Influência dos anos de escolarização no apagamento da sibilante final	87
Tabela 11	Apagamento da sibilante final em relação à faixa etária	89
Tabela 12	Cruzamento entre faixa etária e anos de escolarização em relação ao apagamento da sibilante final	90
Tabela 13	Influência do sexo no índice de apagamento da sibilante final	91
Tabela 14	Cruzamento entre sexo feminino e anos de escolarização em relação ao apagamento da sibilante final	90
Tabela 15	Apagamento da sibilante (1ª posição no SN x lexemas)	98
Tabela 16	Apagamento da sibilante	99

GRÁFICOS

Gráfico 1	Percentual de ocorrência das variantes	63
Gráfico 2	Apagamento e manutenção da sibilante final - total de ocorrências	72
Gráfico 3	Relevância da escolaridade para diminuição do índice de apagamento do /S/	87
Gráfico 4	Padrão curvilíneo indicando variação estável com relação ao apagamento do /S/	89
Gráfico 5	Cruzamento entre sexo e anos de escolarização com relação ao apagamento da sibilante final	93
Gráfico 6	Quadro comparativo – Influência dos anos de escolarização no apagamento da sibilante final	99
Gráfico 7	Quadro comparativo – Influência da faixa etária no apagamento da sibilante final	100

INTRODUÇÃO

O ser humano é primordialmente um *ser social*, por essa razão, a partir do momento em que se depara com outrem, sente a necessidade de transmitir seus pensamentos e compartilhar sentimentos, e, para realizar este intento, recorre, em geral, à *linguagem verbal*.

Este tipo de linguagem atrai, desde os tempos mais remotos, diversas áreas do pensamento humano, como a Psicologia, a Filosofia, a Antropologia e a Sociologia. A ciência Lingüística, que traz a língua(gem) como objeto único de estudo, entretanto, traçou suas primeiras diretrizes somente em meados do século XIX, a partir dos primeiros estudos em filologia comparativa, e foi consolidada com as idéias de Ferdinand de Saussure, no início do século XX.

Nesse período da evolução da Lingüística, a variação, conseqüência direta da utilização da língua como instrumento de comunicação, era vista como um problema, pois implicava que o objeto de estudo dessa ciência seria impossível de ser sistematizado. O estruturalismo saussuriano, nesse contexto, propõe-se a solucionar esse problema através da separação entre língua (homogênea, social) e fala (heterogênea, individual), e estabelece que à ciência Lingüística

interessa somente analisar a parte homogênea da linguagem, sem qualquer influência das particularidades que incidem sobre seu uso.

Nos anos subseqüentes, essa definição guiou as teorias lingüísticas¹ formais mais relevantes, e o estudo sistemático da fala, em seu contexto real, segundo Chambers (1995), somente pôde ser realizado em meados do século XX, a partir dos estudos do lingüista americano William Labov, o qual desenvolveu as linhas gerais da metodologia que se convencionou chamar de Sociolingüística Quantitativa², ou variacionista, à qual se vincula a presente pesquisa.

O fenômeno lingüístico em estudo

A partir dos postulados teórico-metodológicos da Teoria da Variação, objetiva-se, com este trabalho, traçar o perfil lingüístico do falante pessoense no que se refere ao apagamento da sibilante /s/ em posição de coda final³, determinando quais restrições lingüísticas e extralingüísticas se correlacionam a esse fenômeno, bem como verificar se ele caracteriza um processo de mudança em progresso ou se resulta em uma variação estável.

O processo de variação e perda da sibilante final é inerente à própria história da língua portuguesa, e teve início já no período arcaico do latim, prosseguiu no latim clássico e no latim vulgar, e avançou durante a romanização, quando tiveram origem línguas como o português, o francês e o espanhol (GRYNER, MACEDO, 2000; SILVA NETO, 1979).

¹ Vide capítulo 2, que trata da fundamentação teórica.

² Acerca da metodologia empregada pela Sociolingüística Quantitativa, veja-se o capítulo 3.

³ Ver capítulo 1, que descreve o objeto de estudo.

Diversos estudos buscaram analisar, em Português Brasileiro (PB), o fenômeno da perda da sibilante final, entre eles os de Gryner e Macedo (2000), Scherre (1988), Guy (1996) e Carvalho (1997), entretanto a maioria deles se deteve apenas na análise desse fenômeno quando a sibilante aparece como marca de plural. A presente pesquisa procura obter uma abordagem diferenciada, já que realiza uma análise quantitativa desse fenômeno, a partir de dados empíricos nos quais este segmento é parte integrante de lexemas, com a finalidade de contribuir, com os resultados obtidos, para a discussão sobre as relações entre forma e função lingüística.

Objetivos

Como já dito anteriormente, o presente trabalho tem como objetivo geral *identificar e analisar as restrições lingüísticas e extralingüísticas que influenciam o fenômeno do apagamento da sibilante final em lexemas* e, como objetivos específicos:

- Traçar o perfil lingüístico do falante pessoense no que se refere ao apagamento da sibilante /s/ em posição de coda final⁴ em lexemas;
- Verificar se o fenômeno lingüístico em estudo caracteriza um processo de mudança em progresso ou uma variação estável;
- Discutir brevemente as relações entre forma e função lingüística, a partir de um quadro comparativo entre as restrições comuns ao trabalho de Carvalho (1997).

⁴ Ver capítulo 1, que descreve o objeto de estudo.

Restrições e hipóteses

As restrições lingüísticas e extralingüísticas que foram controladas neste trabalho foram selecionadas com base nos próprios dados da pesquisa, e estão elencadas da seguinte maneira:

- Lingüísticas: contexto fonético/fonológico precedente e seguinte, número de sílabas, classe gramatical e tonicidade;
- Extralingüísticas, ou sociais: sexo, faixa etária e anos de escolarização do informante.

O grupo de *restrições lingüísticas* abrange fatores tanto de ordem morfológica como fonológica. Nesse grupo, somente foram elaboradas hipóteses com relação às restrições contexto fonético/fonológico precedente e seguinte e tonicidade.

Quanto ao contexto fonético/fonológico precedente, foi elaborada a hipótese de que os dados revelariam o glide [y] resultante do processo de ditongação como favorecedor ao apagamento da sibilante final, tendo em vista que na maioria das ocorrências ocorre tal processo, como em três > tre[y]s > tre[y]0. Já quanto ao contexto fonológico seguinte, esperava-se que as vogais fossem inibidoras do fenômeno, devido ao processo de ressilabação⁵. Por fim, no que se refere à tonicidade, esperava-se que o apagamento fosse inibido quando a sibilante estivesse em sílaba tônica.

⁵ Ver capítulo 3 (Metodologia), item 3.2.2, b.

No tocante ao grupo de restrições sociais, os estudos sociolingüísticos vêm indicando que existe um certo padrão de comportamento das variáveis dentro da estrutura social. As mulheres e os mais escolarizados, por exemplo, tendem ao uso da variável de maior prestígio social, o que geralmente coincide com a norma padrão dentro de uma determinada sociedade.

A restrição faixa etária, além de indicar qual o grupo de falantes que mais influencia os fenômenos lingüísticos, na Sociolingüística é utilizada para o estudo da mudança lingüística em tempo aparente, nos termos explicitados no capítulo 3, que trata da fundamentação teórica desta pesquisa.

Dessa forma, de maneira geral, dentro do grupo de restrições extralingüísticas, a hipótese inicial previa que os resultados demonstrassem serem os homens e os analfabetos os maiores favorecedores ao fenômeno do apagamento da sibilante final em lexemas, e indicassem que o mesmo se encontra em variação estável.

Tomando como base os fatores descritos anteriormente, os dados foram codificados e submetidos à análise estatística a partir de rodadas binárias realizadas no Goldvarb 2001 (ROBINSON, 2001), uma versão para o Windows do programa computacional Varbrul (PINTZUK, 1988)⁶, utilizado em pesquisas variacionistas.

⁶ Vide capítulo 3.

Estrutura do trabalho

O presente estudo acerca do fenômeno do apagamento da sibilante final em lexemas está estruturado em quatro capítulos.

O *capítulo 1* traz uma breve descrição do *objeto de estudo*, a partir das teorias acerca da estrutura silábica. Este capítulo inclui ainda uma perspectiva histórica, na qual procura-se abordar a evolução do sistema de sibilantes finais do latim ao português.

O *capítulo 2* abrange os *fundamentos teóricos* da pesquisa. Este capítulo parte de algumas abordagens anteriores acerca da variação e da mudança lingüísticas, a exemplo do estruturalismo e do gerativismo, e conclui dando enfoque à Sociolingüística Quantitativa, teoria na qual se baseia a análise do fenômeno em estudo.

A *metodologia* empregada pela Sociolingüística Quantitativa, e, portanto, empregada na presente pesquisa, é apresentada no *capítulo 3*, onde também se encontram descritos, mais detalhadamente, o *corpus* utilizado e as restrições lingüísticas e extralingüísticas controladas.

O *capítulo 4* apresenta os *resultados obtidos*, a partir de uma análise descritiva, bem como um *quadro comparativo* entre os resultados da presente pesquisa (apenas com relação às restrições extralingüísticas faixa etária e anos de escolarização) e os obtidos por Carvalho (1997), a fim de suscitar uma breve discussão acerca das relações entre forma e função lingüística.

Por fim, são apresentadas as *considerações finais*, as quais objetivam realizar um resgate dos resultados obtidos na análise do fenômeno do apagamento da sibilante final em lexemas, ressaltando a confirmação ou não das hipóteses iniciais.

1

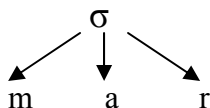
OBJETO DE ESTUDO

1.1 A SIBILANTE FINAL DENTRO DA ESTRUTURA SILÁBICA

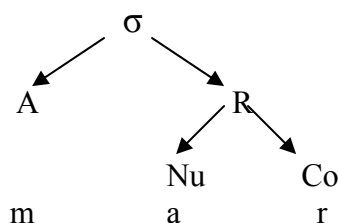
Inicialmente, antes de passar à definição propriamente dita do objeto de estudo, é necessário fazer uma breve apresentação das teorias a respeito da estrutura silábica a fim de contextualizá-lo.

Existem basicamente duas teorias que tratam da estrutura da sílaba: a teoria autossegmental, desenvolvida por Kahn (*apud* COLISCHONN, 1996), e a teoria métrica, formulada por Selkirk (*apud* COLISCHONN, 1996).

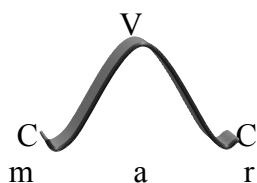
A teoria autossegmental prevê camadas independentes, sendo que uma delas representa a sílaba (σ), à qual estão ligados diretamente os segmentos, ou seja, nesta teoria, o relacionamento entre os elementos que compõem a sílaba se dá em um mesmo nível (COLISCHONN, 1996), como se pode observar no esquema seguinte:



A teoria métrica da sílaba, por sua vez, prevê um relacionamento muito mais estreito entre os elementos finais de uma sílaba. Para essa teoria, uma sílaba consiste em um ataque (A) e uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e uma coda (Co); qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia (COLISCHONN, 1996). Essas relações podem ser mais bem visualizadas no diagrama abaixo:



Em se tratando da estrutura silábica do PB, Câmara Jr. (2001) afirma que a sílaba é composta por um movimento de ascensão, ou crescente, culminando num ápice (o centro silábico) e seguido de um movimento decrescente, quer se trate do efeito auditivo, da força expiratória ou da tensão muscular, conforme representado a seguir:



Segundo este autor, o centro silábico deverá ser preenchido obrigatoriamente, ou seja, a posição da vogal (V), enquanto que o preenchimento das posições consonantais (C) é opcional; desse modo, conforme a ausência ou a presença de consoante final, tem-se a sílaba aberta, ou livre, e a sílaba fechada, ou travada.

Neste mesmo sentido, Clements e Keyser (1983) propõem que todas as línguas possuem como padrão silábico a forma consoante-vogal (CV), sendo que, em algumas, o sistema permite suprimir a consoante à esquerda do ápice silábico (ataque) e, em outras, permite consoante à direita do núcleo silábico, ou seja, em posição de coda.

Em PB, são admitidas tanto a supressão da consoante pré-vocálica como a presença da consoante pós-vocálica. De maneira sintética, o PB apresenta os seguintes padrões silábicos (COLLISCHONN, 2001):

V	á gua
VC	ar te
VCC	in stante
CV	co mida
CVC	ca lma
CVCC	mon stro
CCV	pr ato
CCVCC	tran sporte
VV	oi to
CVV	tu a
CCVV	tra uma
CCVVC	clau stro

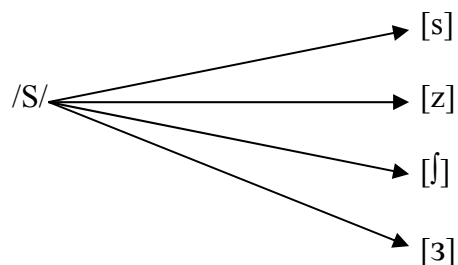
Segundo Câmara Jr. (2001), as únicas consoantes pós-vocálicas possíveis em Língua Portuguesa são as líquidas⁷ (ma[r], ma[l]) e as fricativas não labiais (pa[s]ta, ra[z]go). Vale salientar que este autor defende ainda que deve ser entendido como arquifonema nasal (marcado somente pela ressonância nasal e não pelas modalidades de embaraço da boca) o elemento nasal

⁷ O /l/ pós-vocálico sofre uma mutação que em lingüística diacrônica se denomina “vocalização” da consoante, resultando deste processo um /u/ assilábico, como em: pape[w], ca[w]ma. Deste modo, restaria entre as líquidas, nesta posição, somente o /r/. (CÂMARA JR, 2001).

pós-vocálico que acompanha as chamadas vogais nasais portuguesas (/aN/, /eN/, /iN/, /oN/, /uN/).

Assim, no que se refere à Língua Portuguesa, são permitidos em posição final de sílaba travada os segmentos fonológicos /r/ (**arte**, **comer**), /l/ (**calma**, **farol**), e os arquifonemas /S/ (**instante**, **feliz**) e /N/ (**canto**, **homem**), bem como os glides [y] (**oito**, **sai**) e [w] (**fauna**, **céu**).

Nesse contexto fonológico, as quatro sibilantes da língua portuguesa são tratadas como um único fonema, uma vez que não há oposição de significado (neutralização), sendo mantido apenas um único traço distintivo permanente: a fricção produzida pela língua.



Em outras palavras, temos, portanto, o arquifonema /S/, marcado pelos traços [+ coronal] e [+ contínuo], e quatro alofones, [s, z, ʃ, ʒ], em posição final de sílaba. Segundo Gryner e Macedo (2000), além desses alofones, a sibilante final apresenta ainda, em PB, mais duas formas alternantes: a aspirada [h] e o apagamento, ou zero fonético.

Vale salientar que, quando este segmento está em posição de coda final, ou seja, em final de palavra, pode assumir duas funções distintas, seja como marcador de plural em sintagmas nominais (1) ou como integrante de lexemas (2):

(1) (...) alguma/S/ briguinha/S/ com o/S/ irmão/S/ (...) PAM – 3UF

(2) Depoi/S/, doi/S/ anos depoi/S/, eu retornei (...) ERG – 3GM

Na perspectiva de Câmara Jr. (2001), os segmentos que estiverem em posição final de sílaba apresentam uma tendência ao desaparecimento ou apagamento, uma vez que, além de ser uma posição de preenchimento opcional dentro da estrutura silábica, há o enfraquecimento da articulação. Desse modo, tal tendência também aconteceria com relação à sibilante final, e poderia ser explicada como uma tentativa inconsciente do falante em manter o padrão silábico universal CV.

Algumas pesquisas variacionistas⁸ procuraram realizar uma análise da queda da sibilante final, entretanto, a maioria se refere à sibilante enquanto marca de plural, como a de Scherre (1988) e a de Carvalho (1997).

O presente estudo, por sua vez, objetiva proporcionar uma análise do apagamento do /S/ em posição de coda final em lexemas, quando este segmento não está revestido de função comunicativa, como em (3), na tentativa de contribuir para uma discussão acerca da relação forma x função lingüística:

(3) **mai**Ø antigamente ~ **mais** antigamente

depoiØ dessa ~ **depois** dessa

o **onibu**Ø vinha ~ o **ônibus** vinha

⁸ Sobre as linhas gerais da pesquisa variacionista, veja-se o capítulo de fundamentação teórica.

Por outro lado, além dessa perspectiva estrutural, pode-se analisar o apagamento da sibilante final como decorrente de fatores históricos da própria evolução da língua portuguesa, conforme será apresentado a seguir.

1.2 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO SISTEMA DE SIBILANTES FINAIS

O estudo das sibilantes finais, segundo Silva Neto (1979), é um dos mais complexos e debatidos problemas da lingüística histórica, pois há que se explicar a queda do -s final em latim arcaico e a sua reposição no tempo de Cícero; a manutenção do -s coincidente com a declinação de dois casos, em francês e provençal; a perda do -s e formação do plural em italiano e romeno; e, ao contrário, a manutenção do -s e a falta de declinação em ibero-românico e em sardo.

Macedo e Gryner (2000), ao abordarem a variação no /s/ pós-vocálico, afirmam que o processo de apagamento da sibilante aparece já no latim arcaico, prosseguindo no latim clássico e no latim vulgar. Afirmam ainda que, com a romanização, o /s/ caiu na România Oriental e se manteve, caracteristicamente, nas línguas românicas ocidentais. No entanto, a palatalização e a queda do /s/, características da România Oriental, aparecem esporadicamente em algumas línguas do ocidente, como o português, o francês e o espanhol⁹.

⁹ Vale destacar que a evolução do português, assim como do francês e do espanhol, apresenta uma fase intermediária entre a presença e a ausência do -s final, que é a aspiração, conforme os exemplos a seguir: fene[s]tre > fene[h]tre > fenê[]tre, do Francês; li[s]to > li[h]to > li[]to, do Espanhol; me[s]mo > me[h]mo > me[]mo, do Português.

Para Silva Neto (1979), é importante perceber que as variações na realização da sibilante final, dessa forma, não surgiram por acaso, mas estão prefiguradas na própria história da língua ou mesmo em princípios lingüísticos mais gerais.

1.2.1 A sibilante no quadro fonológico das consoantes finais em latim e em língua portuguesa

Em latim, a maioria das consoantes poderia figurar como final de palavra, fato que não se observa em língua portuguesa, pois, como regra geral, as consoantes latinas desaparecem nessa língua tendo em vista a observância do padrão silábico CV (CARDOSO, CUNHA, 1978; CÂMARA JR, 2001).

Cardoso e Cunha (1978, p. 73) observam que algumas consoantes finais latinas foram preservadas em língua portuguesa¹⁰, com algumas modificações, nos termos seguintes:

- Apesar do desaparecimento do –m acusativo desde o latim vulgar, a ressonância nasal permanece em alguns monossílabos, v.g., cum > com, in > em.
- O –s permanece no plural dos nomes, nas desinências verbais e nos advérbios¹¹, v.g., aves > aves, amas > amas, magis > mais.

¹⁰ Somente as consoantes coronais permaneceram em Língua Portuguesa.

¹¹ Coutinho (2003) acrescenta ainda os nomes próprios de origem eclesiástica, como Marcus > Marcos, Mathias > Matias. Além disso, existem ainda algumas palavras monomorfêmicas com -s final, como, por exemplo: ônibus, rapaz, lápis, dois, três, entre outras.

- o -l, o -r e o -z não eram finais em latim nos casos em que aparecem em português: fidele > fiel (apócope do -e); semper > sempre (metátese do -r); pace > paze > paz (sonorização do -c intervocálico e apócope do -e); amare > amar (apócope do -e).

Desta forma, restaram no quadro fonológico das consoantes portuguesas, em posição pós-vocálica, os seguintes segmentos (CÂMARA JR, 2001):

/S/ /N/ /l/ /r/

Como já foi mencionado na introdução deste trabalho, Silva Neto (1977) destaca que o problema mais interessante do consonantismo em língua portuguesa diz respeito ao sistema das sibilantes, uma vez que o arquifonema /S/ representa todas as realizações fonéticas possíveis da sibilante em final de sílaba, de acordo com os seus condicionamentos, ou seja: a sibilante será surda antes de pausa ou de consoante surda, ou sonora antes de vogal ou de consoante sonora, podendo haver ainda o seu apagamento, uma vez que a tendência natural da língua portuguesa é manter o padrão silábico CV (BRESCANCINI, 1996; CÂMARA JR, 2001).

1.2.2 Caracterização das sibilantes finais em latim

No latim clássico, não havia variação na pronúncia do /s/, ou seja, este segmento era sempre pronunciado como uma linguodental sibilante surda, quer inicial ou final, quer intervocálico (FARIA, 1955). Desse modo, segundo Gryner e Macedo (2000), a variação se limitava à presença ou ausência deste segmento.

Faria (1955) admite a queda do -s final depois de vogal breve, fato que, segundo ele, se limita quase que exclusivamente à terminação -os, com /o/ breve, sendo diante de qualquer outra vogal de caráter excepcional, e depois das vogais longas quase que inexistente. Destaca ainda que, a partir do séc. II aC, é obrigatório o emprego do -s final em qualquer situação.

Por sua vez, Gryner e Macedo (2000) afirmam que o latim apresentou variação no 's' pós-vocálico já no período arcaico, prosseguindo no latim clássico e no latim vulgar, processo esse que avançou durante a romanização.

Segundo essas autoras, no período de Plauto, a realização do -s final dependia de condições fonético-sintáticas, ou seja, o segmento permanecia quando diante de vogal ou diante de consoante com a qual formasse um grupo pré-existente no interior de vocábulos e desaparecia nos demais contextos. Em seguida, no período clássico, esse condicionamento deixou de existir e passou a predominar a presença do -s depois de pausa, entretanto, tal condicionamento nunca foi categórico.

Durante a romanização, a sibilante final caiu na România Oriental e se manteve na Ocidental, onde ocorreu o desenvolvimento do condicionamento fonético-sintático e o acréscimo da regra de assimilação da sonoridade da consoante seguinte (GRYNER, MACEDO, 2000).

Uma revisão da evolução histórica da sibilante final em latim também é realizada por Carola Proskauer (*apud* Silva Neto, 1979), na qual pode-se observar a sua variação:

- no século VI aC, a sibilante mantêm-se firmemente;
- no período compreendido entre o séc. VI e o séc. II aC, a sibilante perdia-se com frequência nas terminações *-os* e *-ios*, mas esse fenômeno acontecia muito raramente em outras situações;
- por volta do ano 200 aC, o *-os* foi suplantado por *-us*, o que implicou na reposição do *-s* final. Entretanto, a România Oriental manteve o apagamento até os dias de hoje.
- em torno de 46 ou 45 aC, operou-se uma reviravolta no que se consideraria *boa norma*, uma vez que a pronúncia padrão passou a ser a de Roma.

Silva Neto (1979) assevera que essa variação se explica através da história, pois são razões de ordem histórico-social que contam na supressão ou manutenção do *-s* final, ou seja, tal oscilação corresponde a movimentos demográficos, sociais e geográficos, pois a perda do *-s* corresponde às correntes dialetais da Península; a vitória do *-s* é a consequência da vitória do latim de Roma, consagrado, enfim, como a *urbanitas*, o padrão.

Ainda segundo o autor supracitado, das palavras de Cícero depreende-se que a Itália dividia-se em áreas que mantinham o */s/* final – que era a pronúncia de Roma, considerada padrão – e outras áreas que, de modo semelhante a certos falares itálicos (úmbrio) o suprimiam, principalmente antes de palavra iniciada por consoante. Desse modo, a pronúncia com o */s/* foi se espalhando pela Itália, graças ao prestígio da capital.

Tal prestígio também se refletiu na expansão do latim fora da Península Itálica. Províncias como a Gália e a Hispânia, nas quais a civilização romana teve grande desenvolvimento, e o latim era ensinado nas escolas, mantiveram a pronúncia do -s, pois as pessoas cultas aspiravam obter a língua falada na capital. Entretanto, na Itália, diante da derrocada de Roma, a pronúncia que ficou foi a que suprimia o -s final (SILVA NETO, 1979).

A pronúncia da sibilante final, tornada padrão por ser a de Roma, passou a se expandir a partir do séc. I aC, mas ainda não conseguira ganhar todo o território da Península quando a derrocada do Império lhe interrompeu tal processo de expansão (SILVA NETO, 1979).

Para Silva Neto (1979), reside aqui a principal diferença entre a língua transmitida nos pequenos centros e a língua transmitida nas grandes aglomerações urbanas. Nos pequenos centros, a língua é bastante conservadora, enquanto nos grandes centros urbanos ela muda incessantemente. Por essa razão, com a queda do Império Romano, foi a supressão do -s que se tornou a regra nas regiões mais próximas a Roma, o que explica o fato de que o plural do italiano não se faça com o -s final, ao contrário das outras línguas românicas.

1.2.3 A evolução do sistema de sibilantes finais em língua portuguesa

O latim falado a oeste da Península Ibérica passou pela mesma série de modificações sofridas em todo o Império Romano, entretanto, após a invasão muçulmana, houve uma série de inovações lingüísticas que culminaram com o isolamento dos falares do noroeste da península, e a língua latina toma nova forma na província da Galiza, originando o chamado galego-português.

Somente por volta de 1350, com a transferência do centro do reino independente de Portugal para Lisboa, é que o português se torna independente do galego-português (BRESCANCINI, 1996).

Teyssier (2004) defende que a maior distância entre o sistema lingüístico do galego-português e a língua portuguesa atual reside nas sibilantes e nas palatais, e apresenta o seguinte quadro comparativo acerca das sibilantes nos dois sistemas:

	<i>Galego-português</i>	<i>Português</i>
Surdas	/ts/ - /s/	/s/
Sonoras	/dz/ - /z/	/z/

No entanto, alertam Teyssier (2004) e Silva Neto (1977) que existem ainda hoje três regiões bem definidas com relação às sibilantes em Portugal: o centro-sul, que mantém o sistema das pré-dorso-dentais; o noroeste-centro-sul, que mantém o sistema das ápico-alveolares (o chamado ‘s’ beirão); e o nordeste, onde permanece o sistema do galego-português¹².

Desse modo, os colonizadores trouxeram para o território brasileiro três sistemas diferenciados de sibilantes, que inevitavelmente entraram em contato entre si. O sistema de quatro sibilantes era manifestamente instável e tendia a reduzir-se mesmo sem qualquer pressão externa, e ainda mais facilmente se reduziria ao entrar em contato com um sistema de duas pré-dorsais, funcionalmente mais eficiente e, além de tudo, com mais prestígio social, por ser a pronúncia da capital (SILVA NETO, 1977).

¹² A esse respeito, ver Teyssier (2004), p. 58.

Durante parte do período colonial, a evolução das sibilantes em território brasileiro seguiu o sistema do Português europeu, no entanto, a partir do século XIII, o -s final europeu começou a se palatalizar, enquanto no Brasil a pronúncia deste segmento aos poucos apresentou caráter conservador (WILLIAMS, 1975; BRESCANCINI, 1996).

Nesse sentido, Câmara Jr (2001, p. 51/52) afirma que

as quatro sibilantes portuguesas se reduzem a uma única, ou antes a duas, mas a neutralização da oposição entre elas fica surda diante de pausa ou de consoante surda, e sonora diante de consoante sonora. Quanto à oposição entre consoante anterior (ou seja, sibilante) e posterior (ou seja, chiante) ela cessa em proveito de uma das modalidades, conforme o dialeto regional.

A pronúncia alveolar brasileira, segundo Révah (*apud* GRYNER, MACEDO, 2000), deriva da pronúncia pré-dorsal portuguesa existente em Portugal no início do séc. XVI, época do descobrimento e da colonização. Assim, em contraste com o Português europeu, que realiza o -s final como palatal, a pronúncia alveolar, mais difundida no Brasil, é a mais conservadora (GRYNER, MACEDO, 2000; BRESCANCINI, 1996).

A realização palatal, típica da região do Rio de Janeiro, tem uma distribuição bastante limitada (GRYNER, MACEDO, 2000). O *chiar* carioca, para Teyssier (2004), pode ser decorrente do efeito da “relusitanização” do Rio de Janeiro, em 1808, quando D. João VI aí instalou a capital.

Silva Neto (1977) afirma que, além dos cariocas, para os quais o *s* e o *z* gráficos em final de sílaba soam como sibilantes palatais (exceto quando a palavra seguinte começa por vogal), há

também importantes contingentes de pré-palatal em Alagoas e Pernambuco, assim como no litoral de Santa Catarina.

Segundo Furlan (*apud* BRESCANCINI, 1996), a pronúncia palatal do -s final de sílaba no Brasil parece estar relacionada às áreas de antigos portos dos séculos XVIII e XIX, de acentuada influência portuguesa. O restante do país, dessa maneira, é uma área compacta onde domina a pronúncia pré-dorsal, mas, para Silva Neto (1977), está em processo de difusão a pronúncia palatal, pois são encontrados focos de -s ciciante.

É importante ressaltar, por fim, que, ao contrário das variantes palatal e alveolar, a variante glotal (aspirada) e o apagamento não se definem, em PB, por distribuição geográfica, mas por diferenças sociais como os níveis de escolaridade, por exemplo (GRYNER, MACEDO, 2000).

1.3 ESTUDOS VARIACIONISTAS ACERCA DO APAGAMENTO DA SIBILANTE FINAL

A variação da sibilante em território brasileiro, diante dos motivos históricos e estruturais acima expostos, tem suscitado diversos estudos, principalmente no que se refere ao apagamento e à manutenção das marcas de plural (como os trabalhos de Scherre, 1988, e Carvalho, 1997). No entanto, alguns estudos, como o de Gryner e Macedo (2000), e o de Guy (1996), procuram abordar essa variação também em lexemas.

Na cidade de João Pessoa, Carvalho (1997), ao analisar a sibilante final como morfema de plural, a partir de dados do projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB, chegou às seguintes conclusões, no tocante às variáveis lingüísticas analisadas:

- quanto à posição do elemento dentro do sintagma nominal, observou que a manutenção da sibilante se dá em maior frequência no primeiro elemento do sintagma, e vai reduzindo gradativamente;
- Ao analisar a tonicidade da sílaba, a partir dos vocábulos no singular, concluiu que o -s morfema de plural se preserva mais em casos de plural de monossílabos de uso tônico e em palavras oxítonas, ou seja, a tonicidade da sílaba é muito importante para a sua manutenção;
- Quanto ao contexto fonológico seguinte, os índices de manutenção entre as variáveis analisadas (consoante, vogal, pausa interna e pausa final) foram todos muito aproximados, o que demonstra a importância da variável posição do elemento dentro do sintagma nominal na análise da sibilante como marcador de plural em sintagmas nominais, uma vez que o contexto fonológico pouco influencia na sua variação.

A partir do mesmo *corpus*, foi realizada para o presente trabalho uma seleção de palavras com sibilante final. Esse segmento foi encontrado com diversas realizações distintas, conforme se observa nos exemplos a seguir:

- (a) mai[s] quente (AJM-3NM)¹³
- (b) rapay[z] acho (JM-2NM)
- (c) mai[j] tempo (GSF – 1GF)
- (d) dey[3] nomes (VDN – 1UF)
- (f) ma[h] nenhum (MHS – 1NF)
- (g) depoi[0] bota (JS-2GM)

A presente análise, entretanto, concentra-se apenas na análise dos fatores lingüísticos e extralingüísticos que influenciam o apagamento da sibilante final, como em (g), e considera as demais variações como manutenção deste segmento.

Para tanto, conforme dito anteriormente, foi utilizada a metodologia da Sociolingüística variacionista, cujos pressupostos teóricos estão elencados no capítulo seguinte, após um breve panorama histórico sobre como a questão da variação e da mudança lingüística foi avaliada por teorias como o estruturalismo e o gerativismo.

¹³ Identificação dos informantes que compõem o corpus do projeto VALPB. A primeira sigla contém as iniciais dos nomes, a segunda, informações sobre idade, escolaridade e sexo.

2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A língua é, inegavelmente, uma forma de conduta social, ou seja, é criada e moldada pelos seres humanos a partir do seu uso em contexto real. Por essa razão, a língua tende a desenvolver diferenciações internas que correspondem aos diversos subgrupos que formam o sistema social de uma determinada comunidade.

Estas correlações entre língua e sociedade foram reconhecidas desde os primeiros estudos lingüísticos, no entanto, vale salientar que nem todos os lingüistas põem a mesma atenção neste fato. Isso ocorre, segundo Marquilhas (1996), porque a questão da variabilidade lingüística, conseqüência direta da linguagem como fato social, é vista tradicionalmente tanto pelos estudiosos como pelos indivíduos em geral com juízos de valor negativos.

Labov (1983) defende a idéia de que se pode prever, a partir do conceito de língua utilizado por um autor, em que medida sua teoria vai tratar da *influência dos fatores sociais na variação e mudança lingüísticas*. Partindo desta idéia, o presente capítulo expõe alguns dos conceitos de *língua* empregados durante o percurso histórico da ciência lingüística e as explicações dadas aos

processos de variação e mudança, em um roteiro que passa pelas primeiras reflexões da lingüística histórica, segue pelo estruturalismo, pelo gerativismo e conclui com a visão da sociolingüística quantitativa, metodologia empregada na presente pesquisa.

2.1 PRIMEIRAS REFLEXÕES ACERCA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICAS

As primeiras reflexões sobre a natureza de fenômenos históricos como a evolução e a diferenciação das línguas datam da Antigüidade, sendo que foi mais precisamente na área da lingüística histórica que se desenvolveram os primeiros estudos de caráter científico sobre a linguagem humana.

As semelhanças entre traços de línguas européias, antigas e modernas, e o Sânscrito levaram grupos de historiadores da linguagem, na primeira metade do séc. XIX, a desenvolverem um método de seleção de traços baseado na comparação das respectivas gramáticas e léxicos e na reconstrução da língua antepassada, o Proto-indo-europeu (MARQUILHAS, 1996). Este método, denominado de **reconstrução comparada**, apresentava dois pressupostos básicos:

1. A hipótese de relacionamento entre as línguas, segundo a qual semelhanças óbvias entre palavras de várias línguas e/ou dialetos seriam explicadas a partir de uma possível relação histórica entre os sistemas considerados;
2. A hipótese da regularidade, segundo a qual a reconstrução e o estabelecimento da protolíngua somente seriam viabilizados através do princípio da regularidade das mudanças lingüísticas (TARALLO, 1990b, p. 29-30).

A regularidade e a sistematicidade das correspondências fonológicas foi destacada por Rasmus Rask, Jacob Grimm e Karl Verner, entre outros. Esta teoria passou a ter grande projeção

acadêmica por ter se beneficiado da proximidade às idéias de Charles Darwin sobre a evolução das espécies.

Darwin (*apud* MARQUILHAS, 1996) acreditava que seria possível estabelecer um único quadro genealógico para as línguas, tanto as extintas como as modernas, através das suas mais estreitas afinidades. Quando essas afirmações foram publicadas, tornou-se possível garantir um estatuto científico aos trabalhos sobre a evolução das línguas.

Deste modo, se não ficara explicado por Grimm qual o código a que pertenciam as mudanças lingüísticas tendencialmente regulares, a resposta parecia agora vir oferecida de bandeja: as línguas não evoluíam pela aplicação aleatória de regras, mudavam em virtude de uma “lei da selva”; ou seja, no final de cada mudança triunfava a configuração lingüística que fosse mais apta e mais natural (MARQUILHAS, 1996).

A repercussão do darwinismo sobre a lingüística fez-se sentir, sobretudo na década de 70 do século XIX, quando um grupo de acadêmicos germânicos da Universidade de Leipzig proclamou que aquelas tendências gerais de que falara Grimm eram mais do que isso: eram leis lingüísticas, em tudo paralelas às leis das ciências naturais (MARQUILHAS, 1996).

Este grupo, denominado de *neogramáticos*, tinha como objetivo e prática principais demonstrar a ação e o princípio da regularidade da mudança lingüística. Esses estudiosos defendiam que o mecanismo humano da fala tem um aspecto duplo: um mental e um físico. Assim, somente com base em um conhecimento mais preciso do arranjo e modo de operação do

mecanismo psico-físico poderá o lingüista comparatista chegar a uma idéia do que é possível na linguagem em geral (TARALLO, 1990b).

Para a escola neogramática, o compromisso da lingüística comparada com os documentos escritos e com o estabelecimento da protolíngua faz com que tal metodologia perca de vista as variações presentes em cada uma das línguas “filhas”. A lingüística histórica, portanto, deveria ocupar-se mais dos sistemas vivos, e não dos seus estágios mais antigos (TARALLO, 1990b).

Os dois princípios mais importantes da escola neogramática, segundo Tarallo (1990b) são:

1. Princípio da regularidade: subentende que os processos operantes durante a mudança são de natureza estritamente fonológica, isto é, as regras que governam a mudança fonológica são exclusivamente fonológicas, e, portanto, independentes da função morfológica, sintática e semântica da palavra na qual elas ocorrem. Essas regras, por sua vez, devem ser aplicadas sem exceção. Este princípio prevê mudanças condicionadas estruturalmente e mudanças não condicionadas.
2. Princípio da analogia: é um processo essencialmente gramatical com base no qual formas são mudadas ou criadas à semelhança de padrões já existentes nos sistemas.

A evolução dos estudos lingüísticos, entretanto, demonstrou que os princípios e regras postulados pelos neogramáticos não eram universalmente válidos. Apesar disso, o rigor das metodologias desenvolvidas com o propósito de comprovar a regularidade das mudanças e o enfoque do método comparativo dentro de uma perspectiva histórica significaram um avanço

para a lingüística histórica e a geral, e serviram de base para o surgimento de uma nova metodologia: o estruturalismo.

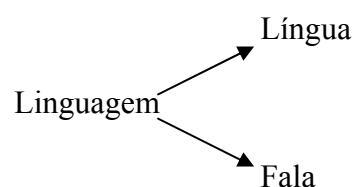
2.2 A VISÃO DO ESTRUTURALISMO

Somente a partir das idéias de Ferdinand de Saussure, no início do século XX, é que passa a ser utilizado o método descritivo, em detrimento ao método comparativo utilizado pelos neogramáticos, e será este novo método que formará a orientação básica da análise estrutural da linguagem seguida pela maioria dos lingüistas atualmente.

A obra de Saussure marca um momento de grande reestruturação dos estudos lingüísticos, definindo assim o próprio surgimento da lingüística enquanto ciência, pois representa

a passagem do modo fenomenológico do conhecimento, em que o saber se atém às manifestações mais imediatas do seu objeto de estudo, ao modo objetivista do conhecimento, em que o saber constrói o seu objeto a partir de suas relações estruturais e estruturantes objetivas (LUCCHESI, 2004, p. 25).

Saussure propõe a dicotomia langue/parole, ou seja, compreende a língua (langue) como um dos dois componentes da linguagem, sendo o outro a fala (parole).



A língua, para Saussure (2001), é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade aos indivíduos.

A fala, por sua vez, é compreendida como um ato individual de vontade e inteligência. As diferentes formas presentes na fala, segundo Saussure, são decorrentes de variação livre, e não importam ao estudo da língua porque não trazem em si oposições de significado.

Deste modo, o objeto de estudo da ciência Lingüística, para o estruturalismo saussuriano, seria apenas a parte homogênea da linguagem, ou seja, a língua, pois

existe uma faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade lingüística por excelência. (...) a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem (SAUSSURE, 2001, p. 18).

Este conceito estruturalista de língua como um sistema, cujos elementos se definem pelo lugar que ocupam em oposição a outros elementos dentro desse mesmo sistema, causou importantes modificações teóricas e metodológicas no estudo da variação e mudança lingüísticas, como será visto a seguir.

2.2.1 Sincronia e diacronia

Na intenção de tornar ainda mais preciso e adequado o estudo da língua, Saussure sugere a dicotomia sincronia/diacronia como uma ferramenta metodológica. Segundo Saussure (2001), toda ciência deveria distinguir dois eixos de referência temporal:

- eixo das simultaneidades, ou eixo sincrônico, que representa as relações coexistentes em um sistema sem que intervenha o fator tempo;
- eixo das sucessões, ou eixo diacrônico, que inclui o fator tempo e as mudanças que afetam a um ou outro elemento de um sistema dado.

Com base nessa diferenciação, Saussure propõe a divisão da ciência lingüística em *lingüística sincrônica*, que estuda as relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva; e *lingüística diacrônica*, que estuda as relações que unem os termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que substituem uns aos outros sem formar sistema entre si.

Deste modo, a língua, segundo a proposta estruturalista, pode ser estudada em um, dois, ou mais períodos diferentes de forma totalmente independente dos fatos que causaram a mudança de um período a outro. A abordagem estrutural proclama-se, portanto, exclusivamente sincrônica: aplica-se somente a um estado de língua¹⁴, que se imagina estático e discreto; a abordagem histórica, ou diacrônica, passa a ser considerada apenas secundária e suplementar, já que tem por base a comparação dos estados fixados ao longo do devir temporal (CORVALÁN, 1989; LUCCHESI, 2004).

¹⁴ Segundo Saussure (2001, p. 117-118), (...) um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima. (...) Estudar um estado de língua vem a ser, praticamente, desdenhar as transformações pouco importantes.

Assim, se a Lingüística deveria centrar-se no estudo da língua enquanto sistema, todos os fenômenos relativos à variação lingüística, por serem estranhos ao sistema, deveriam ser banidos desse estudo, e, desta forma, torna-se necessário descartar também a intervenção das relações sócio-históricas no processo lingüístico, condenando então ao ostracismo a questão da mudança.

O desenvolvimento do modelo saussuriano será realizado a partir dos estudos realizados pelos lingüistas do Círculo de Praga, os quais acrescentam uma noção à concepção de língua de Saussure: a de funcionalidade (LUCCHESI, 2004).

2.2.2 O estruturalismo diacrônico

Partindo da concepção sistêmica de língua defendida por Saussure, os lingüistas de Praga empreenderam uma análise, que se pretende globalizante, de cada língua particular, para a qual todas as mudanças operadas no sistema lingüístico seriam explicadas pela sua funcionalidade interna (LUCCHESI, 2004). Este entendimento influenciou diversas escolas e tendências lingüísticas posteriores, que podem ser mencionadas sob o título de *funcionalistas*.

Nesta abordagem, denominada de estruturalismo diacrônico, a história da língua é vista como a história do próprio sistema lingüístico, e concebida como a sucessão de sistemas discretos e independentes, os quais perfazem cada um uma sincronia, correspondendo ao que Saussure chamou de estados de língua.

A explicação da mudança, desta forma, estaria tanto na estrutura interna do próprio sistema lingüístico como na função que os elementos em questão exercem dentro de tal sistema. Segundo Corvalán (1989), o modelo do estruturalismo diacrônico impõe dois requisitos:

- as mudanças não devem impedir a compreensão dos itens lexicais afetados, pois tornaria impossível a comunicação entre os falantes que usam o sistema conservador e os que usam o inovador;
- se a carga funcional da oposição fonológica que pode ser afetada é alta, haverá resistência à mudança.

Assim, as mudanças fonéticas, por exemplo, se consideram em relação ao efeito que produzem no sistema fonológico, e são descritas com os mesmos termos empregados para a descrição da estrutura fonológica sincrônica, como *fonema*, *espaço fonológico* e *traços distintivos* (CORVALÁN, 1989).

A função lingüística, segundo essa perspectiva, é relacionada à manutenção da comunicação e à facilitação do processo cognitivo de compreensão¹⁵. Entretanto, os desafios impostos pela tentativa de explicar o desenvolvimento histórico de uma língua utilizando critérios funcionais, segundo Lucchesi (2004), só vieram a demonstrar as limitações do método estrutural e confirmar a assertiva de Saussure sobre a impossibilidade da sua utilização no estudo da dimensão histórica do fenômeno lingüístico.

¹⁵ Labov (1996) insere Martinet, Halliday, Kuno, Kiparsky e Givón entre os principais lingüistas que explicam a estrutura lingüística através da necessidade de comunicação (preservação da função comunicativa).

2.3 O GERATIVISMO E A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

O estudo da linguagem através da abstração do seu contexto extralingüístico, segundo Labov (1983), recebeu um novo impulso por parte de Noam Chomsky, ao desenvolver seu conceito de gramática gerativa em sua obra *Syntactic Structures*, publicada em 1957.

Chomsky (*apud* BORGES NETO, 2004) propõe que as línguas são sistemas biológicos utilizados pelos indivíduos para falar sobre o mundo, ou da representação mental que têm dele. A utilização da linguagem, segundo esse linguísta, ocorre através da articulação entre o que chama de sistema conceptual-intencional (articulação de idéias) e o sistema articulatorio-perceptual, de natureza sensório-motora.

Assim, para que as línguas possam ser utilizadas, é preciso que as expressões lingüísticas satisfaçam algumas condições impostas por esses sistemas externos (BORGES NETO, 2004). A teoria gerativista insiste, portanto, em que os dados que serão objeto de estudo da lingüística não são enunciados dos indivíduos, mas sim suas intuições acerca da linguagem.

Desse modo, o gerativismo realiza uma releitura da dicotomia *langue/parole* proposta por Saussure, e funda-se em dois conceitos básicos: *competência*, conjunto de regras internalizadas que permitem aos falantes emitir, receber e julgar enunciados da própria língua, e *desempenho*, conceituado como o uso efetivo da língua, resultado de fatores lingüísticos e extralingüísticos (PERINI, 1976).

O modelo gerativista contém uma proposta que procura estabelecer regras que expliquem o mecanismo de funcionamento de uma língua, incorporando como unidade mínima de análise o componente sintático, e não mais o componente sonoro (PERINI, 1976).

Para a análise de uma língua, os gerativistas propõem o axioma da categoricidade, ou seja, o conceito de que a língua é homogênea, não sujeita a qualquer fator externo. Por essa razão, seria passível de sistematização a partir da observação de um falante-ouvinte ideal, que poderia ser o próprio pesquisador.

Com este entendimento, Chomsky demonstra a sua discordância com as explicações funcionais, pois, uma vez que o estudo da *estrutura lingüística* é independente do estudo do *uso lingüístico*, não há que se falar em restrições de caráter comunicativo/funcionais dentro da ciência lingüística, cujo foco seria o estudo da língua em sua homogeneidade (*apud* LABOV, 1996).

Segundo Labov (1983), Chomsky queria deliberadamente excluir qualquer variação social do campo da lingüística, e interpreta as variações como fruto da co-existência de sistemas lingüísticos, que poderiam ser acessados livremente pelos falantes.

Deste modo, assim como no modelo estruturalista, o modelo gerativista parte do pressuposto de que estrutura lingüística e homogeneidade estão intrinsecamente associadas, o que exclui definitivamente o componente social atuante no desempenho como objeto de sua análise.

A busca por soluções para as incongruências, paradoxos e lacunas produzidos pelas abordagens descritas anteriormente, segundo Lucchesi (2004), se converteu em um terreno

privilegiado para a revisão de tais concepções sobre a língua, criando as condições para uma ruptura epistemológica em relação ao aparato teórico-metodológico utilizado até então para o estudo da variação e mudança lingüísticas, como será visto no tópico seguinte.

2.4 A LÍNGUA EM SEU CONTEXTO SOCIAL: A VISÃO DA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

Como se pôde observar, as correntes lingüísticas formais resistem a qualquer implicação social no estudo da língua e concentram sua atenção em fatores puramente internos, sejam eles estruturais ou psicológicos; desse modo, consideram a influência dos fatores sociais como uma interferência disfuncional no desenvolvimento normal de uma língua, ou ainda como acontecimentos raros e assistemáticos (LABOV, 1996).

A análise sistemática da fala em seu contexto social somente pôde ser realizada a partir dos estudos de William Labov na comunidade de Martha's Vineyard, na década de 1960, estudos esses que marcaram o início das pesquisas na área da Sociolingüística quantitativa, ou variacionista¹⁶ (CHAMBERS, 1995; TARALLO, 1990a).

Labov (1983) assevera que prescindir da dimensão social da língua é algo temeroso, pois restringe a análise lingüística a explicações puramente internas, e, por isso, pode acontecer que diversas questões acerca do sistema lingüístico fiquem sem solução adequada. Assim, de maneira

¹⁶ Segundo Chambers (1995), utilizando-se uma definição um pouco mais ampla de Sociolingüística, podem ser citados como estudos dessa área os realizados por Fischer (1958) e Gauchat (1905). No entanto, o direcionador do modelo teórico-metodológico da Sociolingüística quantitativa é William Labov (TARALLO, 1990).

distinta das teorias estruturalista e gerativista, que entendem a língua como um sistema monolítico, uniforme e homogêneo, a Sociolinguística defende que ela deve ser vista e analisada como um instrumento de comunicação em uma comunidade de fala.

Como consequência dessa nova conceituação, Labov defende que a língua seria um sistema ordenadamente heterogêneo e variável, ou seja, a língua, mesmo considerada a partir de sua heterogeneidade, é tida como sistemática, o que traz as questões acerca da variação e da mudança para o centro da análise linguística.

Em outras palavras, pode-se dizer que, para a Sociolinguística variacionista, não seria possível compreender o desenvolvimento de uma mudança linguística fora da estrutura social da comunidade em que se insere, uma vez que *é na heterogeneidade refletida através do desempenho que se deve buscar estrutura, sistema e funcionamento* (TARALLO, 1990b).

As linhas gerais desta nova abordagem partem de três questões a respeito da mudança linguística que, segundo Labov (1983), nem o estruturalismo nem o gerativismo conseguiram solucionar:

- A variação social e estilística da língua desempenha um papel importante na mudança linguística?
- As regras fonológicas e gramaticais de alto nível de abstração podem ser afetadas pelos fatores sociais?
- Existe uma função adaptativa na diversificação linguística?

A discussão proposta por Labov (1996) tem origem no fato de que, indubitavelmente, a variação social¹⁷ e estilística¹⁸ forma o comportamento expressivo do falante, e pressupõe a possibilidade de opção de se dizer algo de diversas maneiras, isto é, as variantes são idênticas em seu valor referencial ou de verdade, mas opostas em sua significação social e/ou expressiva.

Assim, o problema a ser resolvido pela pesquisa lingüística consistiria em verificar se essa variação estilística e social (contexto social de uso) e os fatores sociais estão implicados em profundidade nos processos mais sistemáticos de mudança lingüística, seja ela de ordem gramatical ou fonológica.

Portanto, para bem compreender os processos de variação e mudança lingüísticas, é necessário identificar de onde, dentro da estrutura social, surgiram, e a forma como se estenderam a outros grupos sociais. Ou seja, para os variacionistas,

não apenas a variação é essencial e intrínseca à linguagem humana, como os detalhes do sistema, cujo comportamento variável é socialmente influenciado, são a chave para a compreensão da dinâmica da mudança lingüística¹⁹ (MILROY & GORDON, 2003, p. 7)

Ao admitir a influência dos fatores sociais nos processos de variação e mudança lingüísticas, Labov questiona também o entendimento geral que, segundo ele, existe entre os lingüistas de que *tanto a variação sincrônica como a mudança histórica são diretamente afetados pela necessidade de preservar o significado* (hipótese funcional²⁰). Desse modo, outra questão importante que deve ser analisada na pesquisa sociolingüística, é se, de certo modo, *a*

¹⁷ Traços lingüísticos que caracterizam os distintos subgrupos de uma sociedade heterogênea.

¹⁸ Modificações mediante as quais um falante adapta sua língua ao contexto imediato do seu ato de fala.

¹⁹ “For variacionists, not only is variation essential and intrinsic to human language, but the detail of systematic, socially embedded variable behavior, is the key to an understanding of the dynamics of language change”.

²⁰ Ver o tópico sobre estruturalismo diacrônico, explicado anteriormente neste capítulo.

função determina a forma porque as exigências da comunicação impõem certas limitações à estrutura lingüística, ou se a forma é essencialmente arbitrária, sem qualquer influência funcional ou semântica.

Para este lingüista, certas proposições fundamentais sobre a natureza da linguagem sugerem que alguns aspectos da forma são independentes da função, como:

- o axioma saussureano da arbitrariedade do signo lingüístico, que estabelece que o significado de uma palavra não determina sua forma fonológica; e
- o conceito de autonomia da fonologia e da sintaxe, que sugere que cada módulo da gramática é governado por restrições formais internas.

Segundo Labov (1996), não há qualquer dúvida de que os fonemas funcionam para distinguir o significado, mas a evolução histórica do sistema de fonemas não estaria estreitamente controlada por essa função comunicativa, pois a necessidade de preservar informação poderia omitir-se por causa de outros fatores diversos; ou seja, a utilidade funcional da linguagem seria mantida na maioria das vezes através da interação entre a produção variável com os processos normais de percepção e aquisição.

A partir desses questionamentos propostos por Labov, percebe-se que o foco de pesquisa da Sociolingüística variacionista consiste na averiguação de como a variação e a mudança lingüísticas são, ou não, sujeitas à influência de fatores sociais ou de restrições de ordem funcional.

Segundo a proposta variacionista, essa averiguação deve ser realizada através de dados empíricos, retirados da fala em contexto real de uso, aos quais deve ser dado tratamento estatístico²¹ a fim de obter as frequências de uso das variantes e que fatores (lingüísticos ou extralingüísticos) interferem nos processos de variação e mudança, como está explicitado no próximo tópico.

2.4.1 Variação e mudança

Conforme visto no tópico anterior, a variação lingüística é interpretada pelos sociolingüistas variacionistas como intrínseca ao uso da língua em uma comunidade de falantes, sendo que as variantes²² não são utilizadas pelos falantes de maneira categórica, como previam os gerativistas, mas sim em frequências maiores ou menores, resultantes da influência de fatores tanto de caráter lingüístico como extralingüístico²³.

Desse modo, um fenômeno lingüístico interessa à Sociolingüística a partir do momento em que é constatada a variação, que não necessariamente dará origem a um processo de mudança. Em outras palavras, *nem toda variação implica em mudança*, ou seja, duas ou mais variantes podem conviver em um dado período histórico, em um processo de *variação estável*, sem que isso culmine em uma *mudança lingüística* (TARALLO, 1990a).

²¹ Sobre a metodologia da Sociolingüística variacionista, veja-se o capítulo 3.

²² Segundo Tarallo (1990a), variantes lingüísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com um mesmo valor de verdade. As variantes encontram-se sempre em relação de concorrência (padrão x não-padrão; conservadoras x inovadoras; de prestígio x estigmatizadas). A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística.

²³ Características pessoais do falante como sexo, idade, classe social e escolaridade, como também o contexto social de uso (variação social e estilística).

Segundo Corvalán (1989), o processo de mudança lingüística começa quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire uma certa direção e significação social. Nesse processo, o traço inovador funciona como parte do sistema lingüístico em que surgiu, e, portanto, se generaliza gradualmente também a outros elementos do sistema.

Essa generalização contém a co-variação de um número de mudanças relacionadas durante um largo período de tempo, de tal maneira que antes que o processo se complete, se produzem normalmente mudanças na estrutura social da comunidade (CORVALÁN, 1989).

A interação das mudanças lingüísticas e sociais explica em grande medida a complexidade de padrões de co-variação sociolingüística. O avanço da inovação pode ser acompanhado de uma consciência da mudança por parte dos falantes, o que pode levar à criação de um estereotipo social. Finalmente, o término da mudança ocorre quando a variável em questão se converte em um elemento lingüístico categórico que perdeu o significado social que tinha anteriormente (CORVALÁN, 1989).

Diante desse processo, no qual interferem diversos fatores até a comprovação (ou não) da mudança lingüística, Labov (1983) propõe cinco princípios ou problemas que formam a base da metodologia variacionista, e que determinam os passos que devem ser seguidos em tal análise, quais sejam:

- Restrição (fatores condicionantes): consiste em determinar que tipos de mudanças e condições para a ocorrência da mudança lingüística são universalmente possíveis, uma vez que são por definição independentes de qualquer comunidade determinada.

- Transição entre dois estágios distintos de uma língua: consiste em identificar a rota seguida pela mudança lingüística entre tais estágios, e constitui-se em um problema lingüístico interno.
- Inserção: tem dois aspectos; ora a mudança se considera como inserida em uma matriz de outras mudanças lingüísticas, ou ainda como inserida em um complexo social, ou seja, em correlação com outras mudanças sociais. É na resolução desse problema que o conceito de variável lingüística e os estudos da variação encontram sua mais valiosa aplicação.
- Avaliação: consiste em identificar as reações subjetivas dos membros da comunidade com relação à mudança em curso.
- Atualização, ou implementação: consiste em identificar os fatores tanto lingüísticos como sociais que motivam a mudança. A complexidade dos fatores que atuam na evolução lingüística fazem com que esse seja o problema mais difícil de resolver.

A resolução de questões sobre mudança lingüística, no entanto, passa sempre por um grande problema: o fato de que se conta com informações muito restritas acerca da sociedade em que se inserem, ou seja, de estágios anteriores do sistema lingüístico.

A solução para este problema, segundo Labov (1983), está na realização de *estudos da mudança em curso a partir de um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa*

etária dos informantes. Assim, para a Sociolinguística, existe a possibilidade de que os movimentos da mudança linguística sejam apreendidos ainda no seu curso de implementação, através do construto analítico do *tempo aparente* (LABOV, 1983).

Essa metodologia parte do chamado princípio da uniformidade, ou seja, da idéia de que existe uma mudança regular de comportamento linguístico que se repete a cada geração²⁴, pois, no dizer de Labov (1996), *as forças que atuam para produzir a mudança linguística na atualidade são da mesma categoria e ordem de magnitude que as que atuaram cinco ou dez mil anos atrás*.

O estudo da mudança em tempo aparente está baseado, portanto, no pressuposto de que as diferenças linguísticas entre gerações podem indicar desenvolvimentos diacrônicos, ou seja, o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, nos quais os falantes mais jovens poderão introduzir novas formas que irão substituir gradativamente as que são características dos falantes de faixas etárias mais avançadas.

Desse modo, as variáveis sociolinguísticas podem ser analisadas mediante essa estratificação por idade, e os resultados, segundo Tarallo (1990a, p. 65), podem indicar que

a relação de estabilidade entre as variantes avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso.

²⁴ Para Labov (1983), uma geração corresponde a 20 anos.

Assim, a análise desses resultados pode indicar que o fenômeno segue ora em direção a uma relação de contemporização, na qual duas ou mais formas podem permanecer em *variação estável*, ou em direção a um *processo de mudança*, no qual uma variante se sobrepõe às demais²⁵.

Entretanto, é evidente que os resultados de um estudo realizado em tempo aparente serão mais confiáveis se são complementados com estudos em tempo real (CORVALÁN, 1989). Segundo Labov (1996), os problemas implicados na interpretação de estudos em tempo aparente só podem ser solucionados através de observações em *tempo real*, ou seja, na *observação de uma comunidade de fala em dois pontos discretos no tempo*.

Portanto, uma teoria da mudança lingüística deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente-passado e presente, ou seja, inicia-se o processo de investigação no momento presente; volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes, retornando-se, a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo de análise (TARALLO, 1990a).

Essa retomada pode ser realizada através de estudos de painel, em que são entrevistados novamente os mesmos informantes, ou através de estudos de tendência, onde será selecionada uma segunda amostra representativa. Uma vez que os dados de tempo aparente sejam correlacionados com os dados de tempo real, será possível reconstruir uma cronologia das características sociolingüísticas de cada etapa do processo de mudança (LABOV, 1996).

²⁵ Os resultados referentes a um processo de variação estável geram um gráfico curvilíneo, uma vez que não há qualquer relação entre a faixa etária e as variantes, enquanto que um processo de mudança proporciona um gráfico em linha reta, decrescente ou ascendente.

Entretanto, na presente análise do apagamento da sibilante final, foi utilizado apenas o conceito de *tempo aparente*, ou seja, da estratificação dos informantes por faixa etária, para avaliar se esse fenômeno se encontra em processo de mudança ou se configura uma variação estável.

A metodologia empregada pela Sociolinguística variacionista, a qual foi utilizada no presente trabalho, se encontra abordada mais detalhadamente no próximo capítulo, onde também estão apresentadas as restrições que foram controladas para a análise do apagamento da sibilante final em lexemas.

3

METODOLOGIA

3.1 DESCRIÇÃO DO CORPUS E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foram utilizados dados do *corpus* do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba - VALPB, o qual está constituído por 60 entrevistas. Os informantes encontram-se estratificados de maneira eqüitativa entre as variáveis sociais sexo, anos de escolarização e faixa etária (HORA, PEDROSA, 2001).

A coleta dos dados, realizada em 1993, baseou-se na metodologia empregada pela Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1983). Assim, após o cadastramento dos informantes, foi realizada uma seleção aleatória e então a aplicação de uma entrevista com a intenção de obter registros de fala espontâneos.

O discurso espontâneo, segundo Labov, é o objeto de estudo ideal para o pesquisador da área da Sociolingüística. Desse modo, as questões feitas aos informantes foram elaboradas com a finalidade de neutralizar a monitoração característica de uma entrevista, com vistas a obter dos

informantes narrativas pessoais, onde há uma maior preocupação com o conteúdo do que com a forma (TARALLO, 1990).

A escolha dos informantes levou em consideração os seguintes requisitos (HORA, PEDROSA, 2001):

- ser natural de João Pessoa ou morar nesta cidade desde os cinco anos de idade
- nunca ter se ausentado de João Pessoa por mais do que 2 anos consecutivos

Por se tratar de fenômeno fonológico, onde há uma maior gama de ocorrências em uma única entrevista, foram selecionados para a presente pesquisa apenas 36 informantes, sendo metade do sexo feminino e metade do sexo masculino, 12 de cada nível de escolaridade e 12 de cada faixa etária, conforme relacionado no quadro abaixo:

Quadro 1
Caracterização dos informantes

Informantes²⁶	Sexo	Idade	Escolaridade
AFD, SVS	Masculino	15 – 25 anos	Analfabeto
GHSS, GSN	Masculino	15 – 25 anos	5 a 8 anos
MVSC, FPMF	Masculino	15 – 25 anos	Mais de 11 anos
JM, JS	Masculino	26 – 49 anos	Analfabeto
JS, LGP	Masculino	26 – 49 anos	5 a 8 anos
ALA, RVA	Masculino	26 – 49 anos	Mais de 11 anos
ACS, AJM	Masculino	50 anos em diante	Analfabeto
ERG, RRB	Masculino	50 anos em diante	5 a 8 anos
WL, LGP	Masculino	50 anos em diante	Mais de 11 anos
MHS, MLS	Feminino	15 – 25 anos	Analfabeto
GSF, MLT	Feminino	15 – 25 anos	5 a 8 anos
VDN, PAM	Feminino	15 – 25 anos	Mais de 11 anos
IMS, SPMS	Feminino	26 – 49 anos	Analfabeto
MJC, RAM	Feminino	26 – 49 anos	5 a 8 anos
JPNA, RTO	Feminino	26 – 49 anos	Mais de 11 anos
JRM, IMS	Feminino	50 anos em diante	Analfabeto
IFS, GPS	Feminino	50 anos em diante	5 a 8 anos
RCRA, AAM	Feminino	50 anos em diante	Mais de 11 anos

²⁶ Os informantes estão identificados a partir das iniciais dos seus nomes.

Após esse processo de escolha dos informantes, foi realizada a seleção dos dados e definição das restrições²⁷ de caráter lingüístico que foram utilizadas na presente pesquisa (contexto fonético/fonológico precedente, contexto fonético/fonológico seguinte, número de sílabas, tonicidade e item lexical).

A codificação dos dados levou em consideração, desse modo, tanto os fatores lingüísticos como os extralingüísticos que hipoteticamente, a partir de um primeiro contato com os dados, pôde-se perceber que seriam prováveis influenciadores da freqüência de aplicação das variantes da sibilante final.

A análise dessa freqüência é feita, segundo a metodologia de análise variacionista, através de modelos estatísticos, pois, como trata de regras variáveis, a ocorrência de uma ou outra variante estaria condicionada à influência de certos fatores lingüísticos ou extralingüísticos não de maneira categórica, mas como uma probabilidade.

No presente trabalho, essa etapa foi realizada através do programa computacional Goldvarb 2001 (ROBINSON, 2001). Este programa, que consiste em uma versão para o Windows do Varbrul²⁸ (PINTZUK, 1988), trata-se de um aplicativo para análise estatística multivariável, especialmente desenvolvido para a análise da variação lingüística.

²⁷ Apresentadas mais detalhadamente no tópico 3.2 deste capítulo.

²⁸ Sobre os programas que compõem o pacote de programas VARBRUL, veja-se BRESCANCINI, 2002.

O Goldvarb fornece inicialmente os valores de aplicação das variáveis dependentes em relação às variáveis independentes em números percentuais. Nessa fase, quando para alguma das variáveis independentes ocorre um índice percentual de 0% ou de 100%, o programa acusará *knock-out*, o que impede o prosseguimento da análise. Esses casos de *knock-out* indicam que certos fatores inibem a variação, fato que é importante para a análise do comportamento lingüístico dos falantes.

No entanto, como o Goldvarb é direcionado a analisar a variação lingüística, o pesquisador deve, para dar prosseguimento à análise, amalgamar alguns desses fatores, ou excluí-los dos dados, para tornar possível a execução deste programa estatístico.

Solucionados os casos de *knock-out*, o Goldvarb poderá fornecer ao pesquisador, através de uma rodada binária, os pesos relativos²⁹ de cada uma das possíveis realizações da variante independente em relação aos fatores controlados, bem como a relevância³⁰, ou não, desses fatores dentro do processo de variação lingüística que está sendo analisado.

A fase final da análise variacionista consiste na interpretação dos resultados numéricos oferecidos pelo programa, definindo a importância das variáveis através da frequência com que ocorrem e quais fatores lingüísticos e extralingüísticos interferem na escolha dos falantes entre uma ou outra variante lingüística (BRESCANCINI, 2002).

²⁹ Em rodadas binárias, o peso relativo de .50 representa a neutralidade da influência de um determinado fator sobre a variável dependente. Valores maiores são considerados favorecedores do fenômeno estudado, enquanto que valores menores são considerados como inibidores.

³⁰ A seleção das variantes independentes consideradas relevantes para a variação lingüística é realizada pelo Goldvarb 2001 através de dois processos, o *step-up* e o *step-down*. O *step-up* fornece o grupo de fatores mais relevantes para a ocorrência da variação, enquanto que o *step-down* mostra os fatores que não são relevantes, ou seja, esses dois processos atuam de maneira complementar: o ideal é que os grupos de fatores não selecionados pelo *step-up* coincidam com os eliminados pelo *step-down*.

Vale lembrar que esses resultados não podem ser tomados de maneira categórica, pois possuem caráter meramente probabilístico, cabendo ao pesquisador utilizá-los apenas como diretrizes na apreciação do fenômeno lingüístico em estudo.

3.2 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS CONTROLADAS

Este tópico aborda as variáveis controladas na presente pesquisa, subdivididas em variável dependente (fenômeno analisado) e em variáveis independentes (fatores que influenciam a variação), sendo que estas últimas são constituídas de variáveis lingüísticas e variáveis extralingüísticas, ou sociais.

3.2.1 A variável dependente

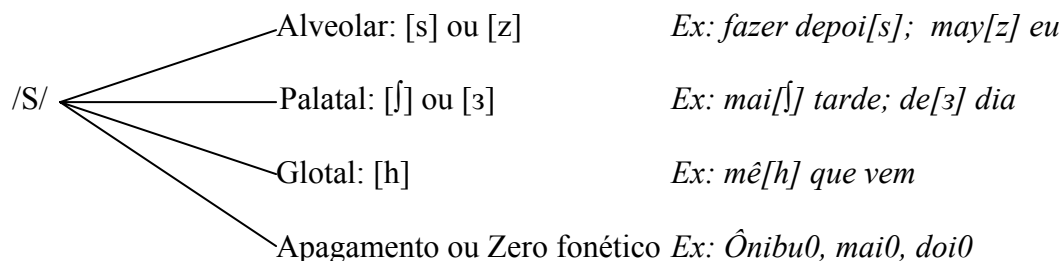
Como já destacado no capítulo 1, que trata sobre o objeto de estudo, o presente trabalho aborda o comportamento lingüístico dos falantes pessoenses com relação às diversas realizações da sibilante final em lexemas.

Nos dados dessa pesquisa, foram encontradas cerca de 50 palavras, de diversas classes gramaticais, as quais estão relacionadas no quadro a seguir:

Quadro 2
Relação de palavras

Mas	Quis	Demais	Ônibus	Português
Mais	Diz	Apenas	Atriz	Inglês
Dois	Traz	Antes	Cicatriz	Férias
Três	Pois	Jamais	Nariz	Gravidez
Seis	Depois	Cruz	Rigidez	Vírus
Dez	Talvez	Nós	Timidez	Rapaz
Duas	Através	Paz	Gás	Cuscuz
Faz	Detrás	País	Voz	Lápis
Fiz	Menos	Mês	Luz	Simplex
Fez	Atrás	Raiz	Arroz	Feliz

Nesse contexto, ou seja, em posição de coda final, a sibilante pode realizar-se foneticamente de seis formas distintas, porém mantendo o mesmo valor de verdade, conforme representa o esquema abaixo:



No presente estudo, foram levantadas, ao todo, sete mil e trinta e quatro (7034) ocorrências da sibilante em posição de coda final em lexemas³¹. Realizada uma primeira rodada dos dados com o programa computacional Goldvarb, constatou-se que essas ocorrências encontravam-se

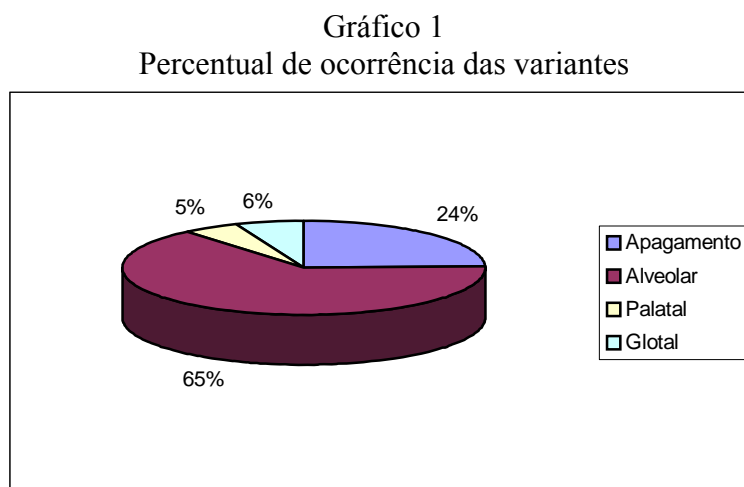
³¹ Deste total não constam as ocorrências em que no contexto seguinte apareciam as sibilantes [s] e [z] e as palatais correspondentes [j] e [ç], como foi explicado no capítulo anterior.

distribuídas entre as quatro possibilidades de realização mencionadas no esquema acima, conforme demonstra a tabela 1:

Tabela 1
Variação da sibilante final em lexemas

	Ap./Total
Apagamento	1718/7034
Alveolar	4462/7034
Palatal	420/7034
Glotal	434/7034

Para uma melhor visualização desses valores, veja-se o gráfico 1 abaixo, no qual eles aparecem em números percentuais:



Esses resultados apontam que, depois da forma alveolar, com 65% das ocorrências, a variante mais significativa é o apagamento, a qual aconteceu em 24% dos casos de sibilante final

em lexemas. Como os percentuais de palatalização e de aspiração (realização glotal) da sibilante final foram pequenos, foi realizada uma segunda rodada dos dados com o Goldvarb, dessa vez binária (apagamento x manutenção), na qual foram consideradas as realizações palatal, glotal e alveolar como manutenção do segmento em estudo.

Após esta modificação na codificação, constatou-se que nas ocorrências em que apareciam como contexto fonético/fonológico precedente o glide posterior [w] ou as vogais médias não havia variação no comportamento lingüístico dos falantes, ou seja, a sibilante final era sempre mantida. Assim, como o objetivo do presente trabalho é analisar a variação, tais ocorrências foram excluídas, restando um total de seis mil oitocentas e setenta (6870).

Os resultados obtidos nesta segunda rodada estão descritos na tabela 2:

Tabela 2
Percentuais de apagamento e manutenção da sibilante final³²

	Ap./Total	%
Apagamento	1694/6870	25
Manutenção	5176/6870	75

Esses primeiros resultados indicam que a tendência maior do falar de João Pessoa é a manutenção do segmento, pois foi computado apenas 25% de apagamento, no entanto, faz-se necessária uma análise mais detalhada dos fatores lingüísticos e extralingüísticos que influenciariam tal variação, os quais estão descritos nos tópicos seguintes.

³² Excluídas as ocorrências com vogais médias e com o glide [w] como contexto fonético/fonológico anterior

3.2.2 Variáveis independentes

- **Variáveis lingüísticas**

As variáveis lingüísticas englobam fatores de ordem estrutural (fonológica, morfológica, sintática) que podem exercer influência na escolha das variantes pelos falantes.

A partir de uma primeira análise dos dados, foram selecionadas para o estudo do apagamento da sibilante final cinco variáveis lingüísticas: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, número de sílabas, classe gramatical e tonicidade.

a) Contexto fonético/fonológico precedente

O segmento em estudo pode ter como contexto precedente³³ qualquer uma das sete vogais da Língua Portuguesa, bem como os dois glides [y] e [w].

No entanto, após a primeira rodada dos dados no programa Goldvarb, constatou-se que nas ocorrências em que apareciam as vogais médias³⁴ como contexto precedente havia sempre a manutenção do segmento, ou seja, não havia variação, o que também acontecia na presença do glide posterior [w], como nos exemplos seguintes:

³³ Com relação a essa variável, foi realizada uma codificação que levou em consideração o contexto fonético, a fim de poder observar também a influência do processo de ditongação no fenômeno em estudo.

³⁴ Vogais médias em Língua Portuguesa: Anteriores: [ɛ], [e]; Posteriores: [ɨ], [o].

“tre[h] minuto” (RAM – 2GF)

“do0[h] meses” (JRM - 3NF)

“estava um ca[w]s” (LGP – 3UM)

Como a metodologia empregada no presente trabalho objetiva analisar a variação, foram excluídas essas ocorrências dos dados, restando nessa variável os seguintes segmentos:

- vogal baixa – [a]

Ex: “duas hora” (WL – 3UM)

- vogais altas – [i], [u]

Ex: “feliz agora”; “chegou o ônibus” (JRM – 3NF)

- glide anterior – [y]

Ex: “seis pessoa”; “depois que” (MHS – 1NF)

- Ditongação

Ex: ma[y]s quando; tre[y]s dias (JS – 2GM)

Com relação a essa variável, a hipótese inicial previa que o glide [y] resultante do processo de ditongação atuaria como influenciador ao fenômeno em estudo, em um movimento que se inicia com o surgimento do glide e posterior apagamento da sibilante.

b) Contexto fonético/fonológico seguinte

Todos os sons vocálicos e consonantais da língua foram encontrados como contexto seguinte da sibilante final em lexemas. No entanto, como antes de consoante e em final de palavra ocorre o processo de neutralização que provoca a perda de distinção sonora entre os fonemas [s] e [z], bem como de suas palatais correspondentes, foram desconsideradas as ocorrências em que a palavra seguinte se iniciava com tais fonemas, uma vez que não se pode determinar claramente se há ou não o apagamento, como em: “ônibu[s]aiu” (ônibus saiu); “rapay[l]egou” (rapaz chegou); “fey[z]uada” (fez zuada); “dua[ʒ]oia” (duas jóia).

Os resultados apresentados após a primeira rodada dos dados no programa Goldvarb permitiram que esses fonemas fossem agrupados tomando por base o seu ponto de articulação, e a codificação final apresenta os seguintes fatores:

- Coronais (d, t, l, n);

Ex: “mas durante”; “pelo menos tenho”; “às vez lavo”; “ nunca” (MHS - 1NF)

- Dorsais (k, g); sendo que o fonema /h/ foi considerado em separado tendo em vista que os resultados estatísticos não permitiram que fosse agrupado com as demais dorsais:

Ex: “faz gomo”; “mas graças a Deus”; “responsabilidade” (RCRA - 3UF)

- Labiais (f, v, p, b, m);

Ex: “nós fomos”; “nós vê”; “dois postes”; “mais barato”; “três médicos” (LGP - 2GM)

- Vogais

Ex: “três anos”; “depois estendeu”; “mas infelizmente”; “duas ocasiões” (ERG - 3GM)

- Pausa

Ex: “ganhava mais #”; “bom demais #” (JRM - 3NF)

Nessa variável, esperava-se que as vogais se mostrassem como inibidoras do fenômeno do apagamento da sibilante final, pois, diante do processo de ressilabação³⁵, o segmento em estudo teria a tendência a manter-se e a adquirir o traço de sonoridade.

c) Número de sílabas

A extensão do vocábulo também foi observada na codificação dos dados, obedecendo à seguinte classificação:

- Monossílabo (*mas, três, fiz, paz*)
- Dissílabo (*menos, lápis, rapaz*)
- Três ou mais sílabas (*através, timidez, ônibus*)

No que se refere a essa variável, é conveniente destacar a grande diferença existente entre o número de ocorrências dos três fatores, sendo que a maioria é de monossílabos.

³⁵ Nesse processo, segundo Collischonn (1996), as consoantes em final de palavra são silabadas como ataque da sílaba seguinte, como em: lu.[z]a.ma.re.la (luz amarela). Para esta autora, esta ressilabação pode ser explicada pela tendência universal de uma seqüência C V ser silabada como CV, isto é, tautossilábica.

d) Classe gramatical

Partindo dos próprios dados da pesquisa, por razões de frequência, foram selecionadas as seguintes categorias gramaticais como importantes para a análise do fenômeno em estudo:

- Verbo

Ex: faz, quis, diz.

- substantivo

Ex: rapaz, luz, país.

- advérbio

Ex: depois, jamais.

- outros (conjunção, numeral, adjetivo etc.)

Ex: nós, pois, dois, três, seis, feliz, simples.

Vale destacar que, além desses itens classificados em classes gramaticais, foram observados, particularmente, os itens lexicais *mas* e *mais*. Essa análise mais detalhada se deve ao fato de que constituem, por si, mais de 40% das ocorrências (3210/6870).

e) Tonicidade

A codificação dos dados em relação à tonicidade levou em consideração os seguintes fatores:

- Oxítona (*através, inglês*)
- Paroxítona (*antes, simples*)
- Proparoxítona (*ônibus*)
- Monossílabo átono (*mas, pois*)
- Monossílabo tônico (*mais, três*)

Nessa variável, esperava-se que o apagamento fosse favorecido pelas paroxítonas, proparoxítonas e monossílabos átonos, já que a variação ocorre mais dificilmente em sílabas tônicas.

- **Variáveis extralingüísticas ou sociais**

Com relação às restrições sociais, os dados foram codificados obedecendo à estratificação exposta anteriormente, ou seja, quanto ao sexo do informante (masculino ou feminino), à faixa etária (15 a 25; 26 a 49; mais de 50 anos), e aos anos de escolarização (analfabeto; 5 a 8 anos; mais de 11 anos de escolarização).

a) Sexo

No tocante a esta primeira variável, sabe-se que diversos estudos sociolingüísticos comprovam a maior sensibilidade das mulheres à norma de prestígio social (LABOV, 1996).

Desse modo, no fenômeno em estudo, espera-se que as mulheres se comportem de maneira favorável à norma padrão, ou seja, optem pela manutenção do segmento.

b) Anos de escolarização

Tendo em vista que a escola é a instituição responsável pela difusão da norma padrão, e, portanto, exerce um papel primordial no comportamento dos falantes, a hipótese inicial prevê que, os analfabetos seriam os maiores favorecedores ao apagamento da sibilante final.

c) Faixa etária

A estratificação por idade é proposta por Labov (1996) na intenção de possibilitar o estudo da mudança em curso, como visto no capítulo anterior. A partir dessa variável, desse modo, será possível determinar se o fenômeno em estudo está em processo de mudança ou se resulta em uma variação estável. Em se tratando do apagamento da sibilante final, a hipótese inicial previa que os dados revelariam que se trata de um fenômeno em processo de variação estável.

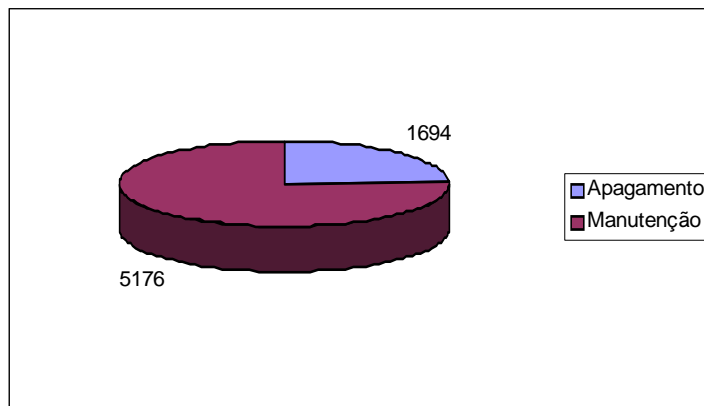
4

ANÁLISE DOS RESULTADOS

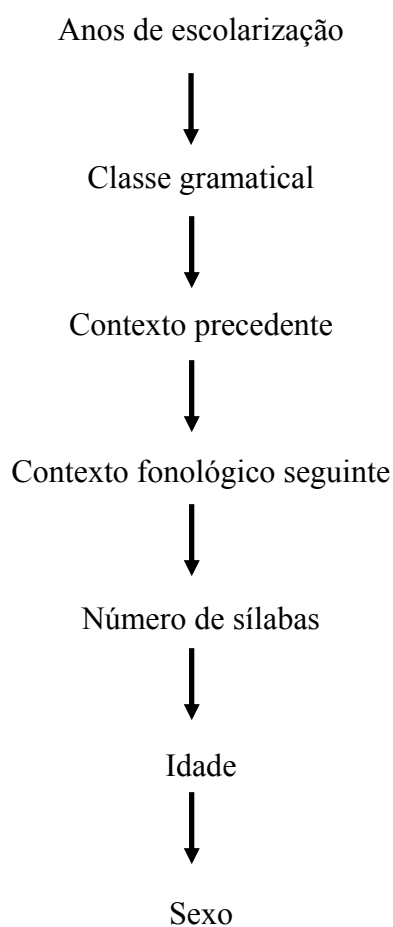
Neste capítulo são abordados os resultados obtidos com relação ao fenômeno do apagamento da sibilante final em lexemas, a partir do tratamento estatístico realizado através do programa Goldvarb (ROBINSON, 2001).

Conforme dito no capítulo anterior, foram levantadas, no corpus dessa pesquisa, 6870 ocorrências da sibilante final em lexemas, das quais somente 25% (1694/6870) foram de apagamento, conforme se observa no gráfico 2:

Gráfico 2
Apagamento e manutenção da sibilante final - total de ocorrências



A partir desses dados, em rodada binária (apagamento x manutenção), o Goldvarb considerou todas as variáveis independentes controladas como significativas para o comportamento variável do segmento em estudo, exceto a tonicidade, as quais estão listadas abaixo em ordem decrescente de relevância:



A análise que se segue está organizada segundo esta ordem de relevância, sendo que as variáveis estão separadas em dois grandes grupos, ou seja, primeiramente, realizou-se a análise

concernente às variáveis lingüísticas, e, posteriormente, a das variáveis extralingüísticas ou sociais.

Por fim, esse capítulo traz ainda um tópico comparativo dos resultados obtidos na presente pesquisa com os de Carvalho³⁶ (1997), a fim de suscitar uma breve discussão acerca das relações entre forma e função lingüística.

4.1 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Como dito anteriormente, são cinco as variáveis lingüísticas controladas nessa pesquisa, no entanto, o Goldvarb selecionou apenas quatro como relevantes ao fenômeno do apagamento da sibilante final, quais sejam:

- Classe gramatical
- Contexto fonético/fonológico precedente
- Contexto fonético/fonológico seguinte
- Número de sílabas

³⁶ Como o trabalho de Carvalho aborda a manutenção do segmento e a presente pesquisa trata do apagamento, não foi possível realizar essa comparação em PR; foram utilizados para tanto os resultados percentuais.

4.1.1 Classe gramatical

Dentre as variáveis lingüísticas, a classe gramatical foi a primeira selecionada pelo Goldvarb, e a segunda na ordem geral de relevância, após a variável anos de escolarização. Vale salientar que as ocorrências foram agrupadas segundo a classe gramatical a que pertencem e a partir dos resultados apresentados em uma primeira rodada dos dados. No entanto, diante do grande número de ocorrências com os itens lexicais *mas* e *mais*, foi realizada uma análise desses itens separadamente.

Na tabela 3, a seguir, estão relacionados apenas os resultados referentes às classes gramaticais:

Tabela 3
Apagamento da sibilante final em relação à classe gramatical

	Exemplos	Ap./Total	%	PR
verbo	<u>faz</u> parte	263/878	29	.66
substantivo	<u>escassez</u> dos	258/817	31	.49
advérbio	sobressai <u>mais</u>	258/834	30	.41
outros	<u>Nós</u> vamos	92/1131	8	.24

Entre as classes gramaticais, somente os verbos se mostraram favorecedores ao fenômeno do apagamento da sibilante final, com peso relativo .66, em casos como:

“qui0 mais voltar” (IMS - 2NF)

“fa[y]0 tudo” (RTO - 2UF)

“só fi0 gasta0” (SVS-1NM)

Conforme apresentado na relação de palavras que consta do capítulo anterior, os verbos que compõem o *corpus* da presente pesquisa estão em primeira ou terceira pessoa do singular do modo indicativo (fiz, faz, fez, traz, diz, quis), ou seja, são monossílabos.

A partir dos dados da presente pesquisa, pôde-se observar que, em verbos nos quais a vogal precedente à sibilante é a vogal baixa [a], acontece, em geral, o processo de ditongação, como nos seguintes exemplos:

faz > *fa[y]z*

traz > *tra[y]z*

Esse processo, segundo os mesmos dados, é pré-requisito para a ocorrência do apagamento em casos nos quais o contexto precedente seria inicialmente a vogal média [e]³⁷:

fez > *fe[y]z* > *fe[y]0*

Assim, esse resultado a respeito dos verbos, apontando-os como favorecedores ao fenômeno em estudo, indica, provavelmente, a importância do processo de ditongação para o posterior apagamento da sibilante final.

Quanto às demais classes gramaticais, pôde-se observar que os substantivos e advérbios apresentaram pesos relativos muito próximos do ponto neutro (.49 e .41, respectivamente), o que pode indicar que não interferem no processo de variação da sibilante final.

³⁷ Em ocorrências nas quais apareciam as vogais médias como contexto fonético anterior, a sibilante final foi sempre mantida.

Como inibidores do fenômeno em estudo, destacaram-se as classes gramaticais (numeral, pronome, adjetivo, conjunção) que foram agrupados como *outros*, tendo em vista a proximidade dos resultados apresentados, cujo índice de apagamento foi de .24.

Com relação aos itens *mas* e *mais*, os resultados obtidos foram os seguintes:

Tabela 4
Apagamento da sibilante final
em relação aos itens lexicais *mas/mais*

	Ap./Total	%	PR
mas	618/1824	33	.71
mais	205/1386	14	.41

Em se tratando destes itens lexicais (*mas/mais*), os resultados mostraram que existe uma provável relação entre a variável em análise e a tonicidade³⁸, pois a palavra *mas*, que é uma conjunção, e portanto um monossílabo átono, se mostrou como favorecedora ao apagamento da sibilante final, enquanto que a palavra *mais*, que é geralmente um advérbio, sendo tônica na maioria dos casos, se mostrou como inibidora do fenômeno em estudo.

Para uma melhor interpretação desses resultados, foi realizado um cruzamento entre *mas/mais* e o contexto fonético/fonológico precedente, a fim de localizar a frequência de ditongação e monotongação³⁹ nesses itens, respectivamente.

³⁸ Variável descartada pelo Goldvarb 2001.

³⁹ Redução do ditongo a uma vogal simples: *mais* > ma[0]s.

Nesse cruzamento de variáveis, quanto ao item lexical *mais*, foram localizados 125 casos de monotongação, no entanto, não foi encontrado nenhum apagamento entre essas ocorrências. Em geral, nesses casos, ocorre o processo de aspiração⁴⁰, como em:

“*ma0[h] dinheiro*” (SVS-1NM)

“*ma0[h] novo*” (AFD - 1NM)

No que se refere ao item lexical *mas*, foram encontradas 1698 ocorrências de ditongação, contabilizando 606 apagamentos da sibilante final e 1092 casos de manutenção deste segmento. Ou seja, dos 618 casos de apagamento da sibilante final no item lexical *mas*, conforme descrito na tabela 4, 606 apresentaram um processo de ditongação, num movimento que se inicia com o surgimento do glide [y] e posterior apagamento da sibilante: *mas* > *ma[y]s* > *ma[y]0*, do mesmo modo que acontece com os verbos que apresentam originalmente como contexto anterior à sibilante a vogal baixa [a].

Em suma, no tocante aos itens lexicais, os que favorecem ao apagamento da sibilante são a conjunção *mas* e os verbos, com pesos relativos de .71 e .66, respectivamente, enquanto os que inibem o fenômeno, com peso relativo de .24, são os que constam das classes gramaticais que foram agrupadas como “outros”, quais sejam: numeral, pronome, adjetivo, conjunção.

No entanto, é conveniente destacar que, a partir dos resultados obtidos com relação à variável item lexical, pode-se afirmar que o fenômeno do apagamento da sibilante final ocorre mais freqüentemente na presença do glide anterior [y].

⁴⁰ Pode ocorrer também a variante alveolar ou a palatal: *ma0[s]*; *ma0[j]*.

4.1.2 Contexto fonético/fonológico precedente

Como já destacado anteriormente, foram encontrados como contexto fonético/fonológico precedente todas as vogais e os glides da Língua Portuguesa. No entanto, como não houve variação em contexto de vogal média nem com o glide [w], ocorrendo sempre a manutenção da sibilante final, as ocorrências em que tais fonemas apareciam como contexto precedente⁴¹ foram excluídas dos dados da presente pesquisa.

Vale lembrar ainda que foram consideradas separadamente as ocorrências em que o glide [y] aparecia como ditongo já constituído e as ocorrências em que aparecia como resultante de processo de ditongação⁴², a fim de verificar a influência desse processo no fenômeno em estudo.

A seleção das variáveis pelo Goldvarb considerou esta variável como a segunda na ordem de relevância dentre as variáveis lingüísticas, e a terceira na ordem geral.

Os resultados obtidos com relação às vogais como contexto precedente estão especificados na Tabela 5:

Tabela 5
Apagamento da sibilante final
em relação às vogais como contexto precedente

	Exemplos	Ap./Total	%	PR
[u]	onib[u]s lotado	77/189	40	.72
[i]	qu[i]s comprar	183/729	25	.46
[a]	du[a]s bomba	51/526	9	.21

⁴¹ Vide exemplos no capítulo anterior.

⁴² Sobre o uso variável do ditongo em contexto de sibilante, veja-se AQUINO (2004).

A vogal baixa revelou-se a que menos favorece o apagamento da sibilante, com peso relativo de .21, seguida da vogal alta anterior [i], com peso relativo de .46.

Os resultados referentes à vogal [a] estão em consonância com os resultados obtidos com relação ao item lexical, pois, em geral, as palavras que originalmente possuem como contexto anterior à sibilante final esse segmento passam por um processo de ditongação para que então aconteça o apagamento. Assim, nos casos em que não acontece a ditongação, a tendência seria a manutenção da sibilante final.

O maior favorecedor do fenômeno, segundo os resultados obtidos, seria o fonema [u], ou seja, a vogal alta posterior. No entanto, diante do número reduzido de ocorrências, não se pode considerar esse resultado como significativo.

Quanto à presença do glide anterior [y] como contexto precedente, os resultados apontaram que atua como favorecedor ao fenômeno do apagamento da sibilante em posição de coda final, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 6
Apagamento da sibilante final
em relação ao glide [y] como contexto precedente

	Exemplos	Ap./Total	%	PR
Ditongo ⁴³	Depo[y]s tinha	428/2286	18	.55
Ditongação	Ma[y]s queria	955/3140	30	.52

⁴³ Dessas ocorrências, 1386 são de *mais*, as demais são de palavras como *pois*, *depois*, *seis*, *demais*, *dois*.

O fenômeno da ditongação, como visto no tópico anterior, pode indicar o andamento de um processo que culminará com o apagamento da sibilante final. No entanto, vale salientar que os valores apresentados tanto quanto ao glide anterior como ditongo já constituído (.55) ou como resultante de processo de ditongação (.52), são muito aproximados, o que indica que a simples presença deste segmento como contexto precedente favorece o fenômeno em estudo.

Assim, pode-se concluir que o glide anterior [y] é o único favorecedor ao fenômeno do apagamento da sibilante final, uma vez que não se pode considerar os valores apresentados pela vogal [u] como significativos, enquanto que as vogais [a] e [i] se mostraram como inibidoras. Desse modo, a hipótese inicial de que o glide anterior atuaria como favorecedor ao fenômeno em estudo foi devidamente confirmada.

No entanto, é conveniente ressaltar que os valores apresentados no tocante ao glide [y], como contexto precedente, são bastante aproximados ao ponto neutro, o que pode indicar que essa restrição não exerce uma influência tão determinante quanto outros fatores de caráter extralingüístico, a exemplo da escolaridade.

4.1.3 Contexto fonético/fonológico seguinte

Essa variável foi considerada pelo Goldvarb como a quarta na ordem geral de relevância, e a terceira entre as variáveis lingüísticas.

Tendo em vista o grande número de segmentos encontrados como contexto fonético/fonológico seguinte nos dados da presente pesquisa, procurou-se agrupá-los de acordo com os pesos relativos obtidos na primeira rodada realizada no Goldvarb e respeitando os seus pontos de articulação.

A segunda rodada, após a amalgamação de alguns fatores, apresentou os seguintes resultados:

Tabela 7
Apagamento da sibilante final com relação ao contexto fonológico seguinte

	Exemplos	Ap./Total	%	PR
Coronais /d,t, l, n/	mais <u>d</u> inheiro	431/1535	28	.59
Dorsais /k, g/	depois <u>g</u> ueria	131/712	18	.37
/h/	mais <u>r</u> aiva	31/61	50	.83
Labiais /f, v, p, b, m/	voz <u>b</u> onita	246/1046	23	.54
Vogais	fiz <u>a</u> prova	527/2153	24	.48
Pausa	este mês <u>#</u>	352/1422	24	.47

As coronais e as labiais se mostraram como favorecedoras do apagamento da sibilante, com pesos relativos de .59 e .54, respectivamente.

O Goldvarb indicou ainda que os contextos fonético/fonológico seguintes que atuam como inibidores do fenômeno em estudo são os fonemas dorsais, as vogais e a pausa (.37, .48, .47, respectivamente).

Os resultados apresentados pelos fonemas dorsais /k/ e /g/, os quais demonstram que atuam como inibidores do fenômeno do apagamento da sibilante final, provavelmente se devem ao fato de que são bastante heterorgânicos com relação às sibilantes, como se pode observar abaixo:

$\left[\begin{array}{c} [k, g] \\ - \text{ contínuo} \\ - \text{ coronal} \end{array} \right]$	$\left[\begin{array}{c} [s, z, \int, ʒ] \\ + \text{ contínuo} \\ + \text{ coronal} \end{array} \right]$
---	--

Os resultados obtidos com relação ao fonema /h/ diferem, entretanto, dos obtidos com relação aos demais fonemas dorsais, apresentando-se como favorecedor ao apagamento da sibilante final com um peso relativo de .87. Como não foi obtido um número expressivo de ocorrências com esse contexto, não se pode considerar esse resultado como significativo. No entanto, uma explicação possível para este alto índice de apagamento poderia ser o fato de tanto as sibilantes como o /h/ serem consoantes fricativas, e terem ambas o traço [+ contínuo], o que contribui para que aconteça o fenômeno da aspiração da sibilante final, e um provável caso de neutralização⁴⁴ deste segmento.

É conveniente destacar que os valores apresentados pelas consoantes labiais (.54), pelas vogais (.48) e pela pausa (.47), são muito aproximados ao ponto neutro, o que pode indicar que não exercem influência determinante quanto ao comportamento do falante pessoense no tocante ao apagamento da sibilante final.

⁴⁴ Fenômeno explicado no capítulo 3 (Metodologia), no tópico 3.2.2, b, que trata dessa variável.

No entanto, apesar da proximidade ao ponto neutro, pode-se verificar que a hipótese inicial de que as vogais (em contexto fonético/fonológico seguinte) atuariam como inibidoras ao fenômeno lingüístico em estudo foi comprovada pelos resultados obtidos.

4.1.4 Número de sílabas

Essa variável foi selecionada em quinto lugar na ordem geral de relevância pelo Goldvarb e a quarta dentre as variáveis lingüísticas.

Quanto à extensão do vocábulo, os dados foram separados em três categorias, e os resultados obtidos se encontram descritos na tabela seguinte:

Tabela 8
Influência do número de sílabas no apagamento da sibilante final

	Ap./Total	%	PR
Monossílabo	1224/5413	22	.45
Dissílabo	439/1307	33	.68
3 sílabas ou mais	31/150	20	.50

As palavras dissilábicas se mostraram como o único fator favorecedor ao fenômeno em estudo, com um peso relativo de .68. Com a finalidade de verificar a influência da variável tonicidade⁴⁵ nesse resultado, foi realizada uma rodada no Goldvarb contendo apenas os dados referentes às palavras dissilábicas. No entanto, os resultados obtidos confirmaram a irrelevância

⁴⁵ Variável descartada pelo Goldvarb.

da tonicidade para o estudo do apagamento da sibilante final, uma vez que ela foi novamente descartada. Os resultados referentes a essa rodada, em termos percentuais, estão na Tabela 9:

Tabela 9
Cruzamento entre palavras dissilábicas e tonicidade
em relação ao apagamento da sibilante final

	Ap./Total	%
Oxítonas	369/1097	33
Paroxítonas	70/210	33

Quanto aos demais fatores, os resultados obtidos ora se assemelham ao ponto neutro (palavras de três ou mais sílabas, com peso relativo de .50) ora se aproximam muito a essa neutralidade (monossílabos, com peso relativo de .45), o que pode indicar que nenhum desses fatores influencia no processo de escolha dos falantes pessoenses com relação ao apagamento ou manutenção da sibilante final.

4.2 VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS OU SOCIAIS

A ordem de relevância selecionada pelo Goldvarb 2001 com relação às variáveis extralingüísticas é a seguinte:

1. Anos de escolarização
2. Faixa etária
3. Sexo

A análise deste grupo de variáveis segue esta ordem de relevância. Vale destacar que essa parte do capítulo contém ainda uma análise do cruzamento entre as variáveis *faixa etária x anos de escolarização* e *sexo x anos de escolarização*, a fim de comprovar a importância da análise dessas variáveis com relação ao fenômeno em estudo.

4.2.1 Anos de escolarização

A restrição *anos de escolarização* foi a primeira selecionada pelo Goldvarb como relevante para o estudo do fenômeno do apagamento da sibilante final, o que demonstra o papel primordial exercido pela escola no comportamento dos falantes em relação à escolha de uma determinada variante em detrimento de outras.

Tal influência ocorre porque as instituições, de maneira geral, funcionam como um regulador das características das sociedades. Nesse contexto, a escola se revela como a principal instituição responsável pelo controle e normatização da língua, uma vez que sua função primordial é ensinar a língua padrão.

Por essas razões, nas hipóteses iniciais, foi previsto que os maiores favorecedores ao apagamento da sibilante final seriam os analfabetos, ou seja, os falantes sem nenhum ano de escolarização, o que foi confirmado pelos resultados obtidos, conforme se pode verificar na Tabela 10:

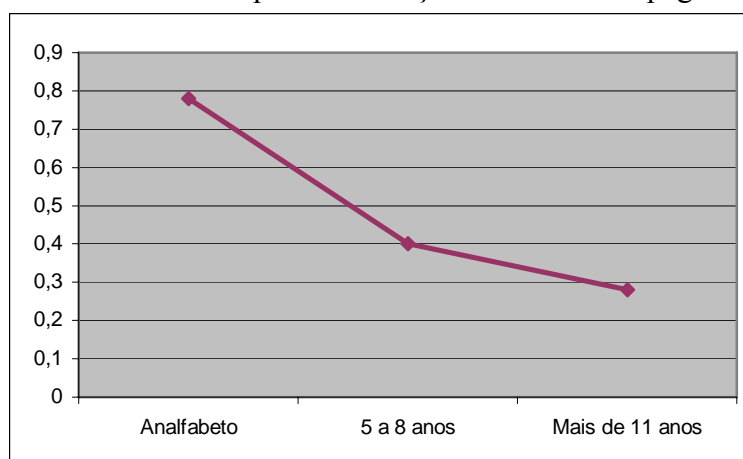
Tabela 10
Influência dos anos de escolarização
no apagamento da sibilante final

	Ap./Total	%	PR
Analfabeto	1076/2278	47	.78
5 a 8 anos	413/2704	15	.40
Mais de 11	205/1888	10	.28

Pode-se perceber que os analfabetos (nenhum ano de escolarização) se mostraram como os únicos favorecedores ao apagamento da sibilante final, com um peso relativo de .78, frequência que diminui gradativamente à medida que aumenta o nível de escolaridade, com um peso relativo de .40 para a escolaridade intermediária (5 a 8 anos de escolarização) e de .28 para a escolaridade superior (mais de 11 anos).

Esse movimento decrescente em favor da adoção da norma padrão (manutenção da sibilante final) e em detrimento da variante não padrão (apagamento), na medida em que aumenta a escolaridade, pode ser mais bem observado no gráfico seguinte:

Gráfico 3
Relevância da escolaridade para diminuição do índice de apagamento do /S/



Assim, além da importância da escola na normatização da língua, esses resultados nos revelam também que o fenômeno em estudo é uma variante estigmatizada pela sociedade, uma vez que é evitada pelos falantes mais escolarizados.

4.2.2 Faixa etária

A faixa etária foi considerada pelo Goldvarb como a sexta variável em ordem de relevância para a realização do apagamento da sibilante final em lexemas.

Diante da dificuldade de obtenção de dados que permitam um estudo da mudança lingüística em tempo real, Labov (1996) propõe que esse estudo parta da estratificação dos informantes em níveis de idade, ou seja, aplicando o conceito de tempo aparente, pois entende que existe uma mudança regular no comportamento lingüístico dos falantes que se repete a cada geração, que corresponde, para esse lingüista, a 20 anos.

Desse modo, a correlação entre a faixa etária e as variantes dependentes pode indicar se existe um processo de variação estável ou de mudança em progresso, sendo que, quando há um processo de mudança, o uso das variantes é mais freqüente entre os mais jovens, e essa freqüência diminui na medida em que aumenta a idade dos informantes (TARALLO, 1990).

No presente trabalho, partiu-se da hipótese de que o fenômeno em estudo estaria em processo de variação estável, e foram obtidos os seguintes resultados:

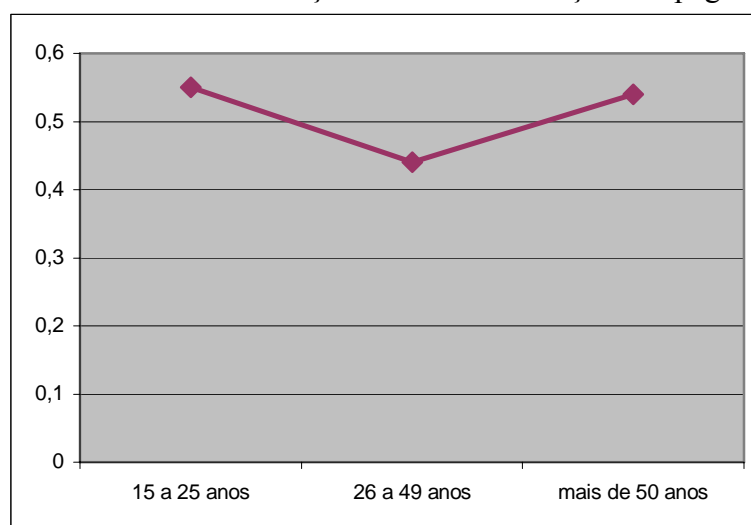
Tabela 11
Apagamento da sibilante final em relação à faixa etária

	Ap./Total	%	PR
15-25 anos	472/1781	26	.55
26-49 anos	566/2697	20	.44
Mais de 50	656/2392	27	.54

Como se pode observar, os valores dos pesos relativos dos informantes de 15 a 25 anos e os de mais de 50 anos de idade são bastante aproximados (.55 e .54, respectivamente), o que indica claramente a confirmação da hipótese de que o fenômeno de apagamento da sibilante em posição de coda final em lexemas se encontra em processo de variação estável.

Sabe-se que os resultados referentes a um processo de variação estável geram um gráfico de padrão curvilíneo, uma vez que as variantes estão em processo de co-existência (LABOV, 1983), como o que foi obtido a partir dos resultados da presente pesquisa:

Gráfico 4
Padrão curvilíneo indicando variação estável com relação ao apagamento do /S/



Segundo Labov (1983), os estudos em tempo aparente são mais confiáveis quando associados a outras variáveis sociais. Por essa razão, foi realizado um cruzamento entre faixa etária e anos de escolarização.

Os resultados desse cruzamento indicam que a frequência de apagamento da sibilante final diminui à medida que aumenta o nível de escolaridade do falante. Nas três faixas etárias, o percentual de apagamento foi maior entre os analfabetos e menor entre os de maior escolaridade, como se pode observar na tabela seguinte:

Tabela 12
Cruzamento entre faixa etária e anos de escolarização
em relação ao apagamento da sibilante final

	Analfabeto	5 a 8 anos	Mais de 11 anos
15 a 25	359/542=66% .74	90/651=13% .46	23/588=13% .22
26 a 49	288/906=31% .37	195/1181=16% .54	83/610=13% .55
50 ou mais	429/830= 51% .62	128/872 = 14% .47	99/690=14% .55

Observa-se com esses resultados que os maiores índices favorecedores ao fenômeno em estudo estão entre os analfabetos mais jovens (.74) e os mais idosos (.62), enquanto que os falantes universitários mais jovens (.22) e os analfabetos de faixa etária intermediária (.37) mostraram ter comportamento inibidor ao apagamento da sibilante final em lexemas. Os demais fatores estão muito aproximados ao ponto neutro, ou seja, exercem pouca influência nas escolhas lingüísticas.

Assim, fica claro que o apagamento da sibilante final encontra-se em processo de variação estável no que se refere ao comportamento lingüístico do falante pessoense, uma vez que os falantes mais jovens e os de mais idade mantêm um índice equivalente de favorecimento ao fenômeno em estudo.

4.2.3 Sexo

Segundo Labov (1996), as mulheres são mais sensíveis que os homens aos valores sociolingüísticos abertos, ou seja, tendem a condicionar suas escolhas lingüísticas à norma de maior prestígio social.

No tocante ao apagamento da sibilante em posição de coda final em lexemas, é fato notório que se trata de uma variante estigmatizada, relacionada em geral à fala dos analfabetos, e, por essa razão, esperava-se inicialmente que os homens se mostrassem como os maiores favorecedores ao fenômeno, o que restou devidamente demonstrado diante dos resultados obtidos, como se verifica na tabela 13:

Tabela 13
Influência do sexo no índice de apagamento da sibilante final

	Ap./Total	%	PR
Feminino	878/3697	23	.48
Masculino	816/3173	25	.52

Entretanto, há que se destacar que os pesos relativos relacionados tanto com o sexo feminino como com o masculino (.48 e .52, respectivamente) são muito aproximados ao ponto neutro, o que pode indicar uma tendência de se unificar o comportamento lingüístico de ambos os sexos.

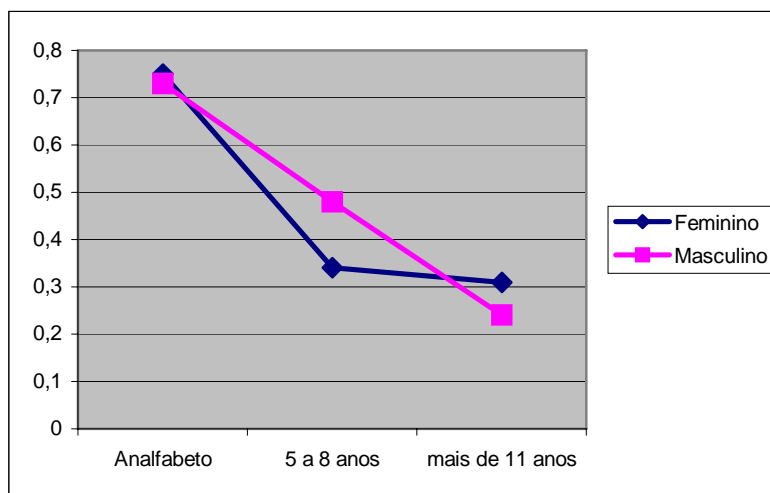
Para uma melhor compreensão da influência dessa variável no apagamento da sibilante final, foi realizado um cruzamento entre sexo e escolaridade. Pode-se observar com os resultados que esse cruzamento confirma a hipótese de que o índice de apagamento da sibilante final diminuiria na medida em que aumentassem os anos de escolaridade, tanto quanto ao sexo feminino como ao sexo masculino, conforme apresenta a tabela 14 abaixo:

Tabela 14
Cruzamento entre sexo feminino e anos de escolarização em relação ao apagamento da sibilante final

	Sexo feminino			Sexo masculino		
	Ap./total	%	PR	Ap./total	%	PR
analfabeto	612/1282	47	.75	464/996	46	.73
5 a 8 anos	166/1395	11	.34	247/1309	18	.48
11 anos ou mais	100/1020	10	.31	105/868	12	.34

Essa hipótese já tinha sido confirmada quando da análise da variável escolaridade. A freqüência decrescente de apagamento da sibilante final pode ser mais bem visualizada no gráfico seguinte:

Gráfico 5
Cruzamento entre sexo e anos de escolarização
com relação ao apagamento da sibilante final



Observe-se a forte queda entre o índice de apagamento da sibilante final entre o primeiro e o segundo níveis de escolaridade com relação ao sexo feminino, e a queda gradativa desse índice no tocante ao sexo masculino até o último nível de escolaridade controlado. Essa queda mais acentuada com relação ao sexo feminino provavelmente reflete a maior sensibilidade das mulheres à norma de prestígio social, no caso específico, à manutenção do segmento em estudo.

Ademais, como já foi falado anteriormente, a proximidade entre os índices de apagamento de homens e mulheres pode indicar uma tendência em se unificar o comportamento lingüístico dos falantes com relação à variável sexo.

4.3 FORMA X FUNÇÃO COMUNICATIVA

Uma vez realizada a descrição das variantes que influenciam a variação da sibilante final em lexemas, pode-se traçar um paralelo⁴⁶ entre os resultados obtidos na presente pesquisa e os obtidos por Carvalho (1997), através das variáveis extralingüísticas comuns aos dois trabalhos, a fim de suscitar uma breve discussão acerca das relações entre forma e função lingüística.

Segundo Labov (1996), o ponto de vista funcional aplicado pelos estruturalistas diacrônicos acerca da variação e da mudança lingüísticas consiste em vincular *comunicação* e *significado*, assim, no que se refere aos sons de uma língua, as oposições fonológicas estariam inteiramente determinadas por uma função contrastiva, ou seja, *os falantes e ouvintes podem ouvir somente aquelas diferenças de som que assinalam diferenças de significado*.

Essa idéia de que *um mecanismo lingüístico deve ser considerado melhor se comunica mais informação e pior se comunica menos*, conforme esse lingüista, vem sendo diretamente contestada pelos resultados obtidos por estudos quantitativos que partem do uso da língua.

Os primeiros questionamentos nesse sentido são provenientes de estudos sobre a perda do /t/ e do /d/ finais em inglês, que ora funcionam como marca de passado em verbos (*walked, kept*) ora como parte integrante de palavras monomorfêmicas (*hand, past*), cuja análise mais extensa é a de Guy (1980, *apud* Labov 1996).

⁴⁶ Em valores percentuais de apagamento da sibilante final.

Kiparsky (*apud* Labov, 1996) propõe que essa variação parte de duas restrições. A primeira, de ordem fonológica, é o efeito do segmento posterior, assim, uma consoante favorecerá a queda destes segmentos em maior proporção do que uma vogal. A segunda restrição é independente desta e prevê que é menos provável que desapareçam os segmentos que se constituem em flexões de tempo passado.

Com relação a essa segunda restrição, Kiparsky (*apud* Guy, 1996) afirma, baseado em evidências diacrônicas, que as línguas em geral são restritas funcionalmente a não remover categorias morfológicas essenciais e propõe a “*condição de distintividade*”, a qual opera como um conjunto de regras que bloqueia a aplicação de outras regras mais gerais dos sistemas, nos quais sua livre aplicação apagaria distinções morfológicas. Desse modo, a fonologia seria impedida de criar ambigüidades disfuncionais, ou seja, seria obrigada a preservar distinções semânticas.

Aplicando a “*condição de distintividade*”, proposta por Kiparsky, à variação sincrônica, Guy (1996) observa que ela pode ser interpretada de duas maneiras distintas. Primeiramente, pode ser vista como um impedimento definitivo aos processos variáveis em categorias funcionais; em segundo lugar, pode ser vista como uma previsão de que as regras variáveis serão aplicadas menos freqüentemente em contextos onde possam eliminar distinções de superfície.

Um ponto importante a ser discutido, para Guy (1996), é como a “*condição de distintividade*” trata a questão da redundância, pois apagar um morfema redundante cria uma ambigüidade apenas local, a qual pode ser solucionada pelo contexto. Assim, a *distintividade* pode requerer somente alguma indicação da categoria a ser mantida, e as regras irão bloquear

apenas o apagamento de marcadores irrecuperáveis pelo contexto (*distintividade contrastiva*), ou requerer que todos os marcadores sejam mantidos, mesmo quando são redundantes (*distintividade radical*).

Em seu estudo sobre a perda do /t/ e /d/ finais em inglês, Guy (*apud* Labov, 1996), constatou que o fator mais favorecedor ao apagamento desses segmentos é o status monomorfêmico, conforme a proposta funcional. Entretanto, os resultados encontrados com relação aos verbos de tempo passado regular (*walked*) e os de particípio regular (*have walked*) são contra-funcionais, pois, como no particípio regular o verbo auxiliar já marcaria o tempo (redundância), seria esperado que apresentasse uma maior incidência de apagamento do /t/ e /d/ nos verbos principais. Apesar disso, esses fatores apresentaram comportamentos opostos, com os verbos no passado regular favorecendo o apagamento (.52) e o particípio regular inibindo esse fenômeno (.49).

As relações entre forma e função foram avaliadas também em investigações acerca do português e do espanhol⁴⁷, línguas nas quais alguns segmentos fonológicos podem atuar tanto como morfemas ou como parte integrante de lexemas, como é o caso das sibilantes.

No que diz respeito aos estudos sobre a perda da sibilante final nessas línguas, em casos em que esse segmento atua como marca de plural, a questão da redundância é bastante importante, uma vez que, diante da necessidade da concordância nominal, o morfema de plural se repete em vários elementos do sintagma nominal (SN), como em:

⁴⁷ A esse respeito, veja-se Labov, 1996.

La/S/ cosa/S/ bonita/S/ (espanhol)

A/S/ coisa/S/ bonita/S/ (português)

Portanto, se todas as palavras de um SN são marcadas em número, uma regra que apaga a marca de uma delas pode impossibilitar a compreensão se uma palavra está no singular ou no plural, mas não com relação à frase como um todo, na medida em que os marcadores permanecem em outras palavras. Desse modo, em lugar de um caos, tem-se vários níveis de aplicação do apagamento, nos quais aparecem regras de duas naturezas distintas: sintática e fonológica (GUY, 1996).

Segundo a proposta funcional, o apagamento da sibilante enquanto morfema de plural, tanto em português como em espanhol, seria menos freqüente, portanto, no primeiro elemento do SN, pois a informação necessária se apresentaria em primeiro lugar, enquanto que os marcadores dos demais elementos seriam redundantes, e, desse modo, menos protegidos pela “*condição de distintividade*”. Assim, qualquer /S/ ausente na primeira posição de um SN deveria ser resultante de um apagamento puramente fonológico, uma vez que os estudos sugerem que a 1ª posição no SN é sempre marcada (GUY, 1996).

Traçando-se um paralelo entre os resultados obtidos na presente pesquisa, que trata do apagamento da sibilante final em lexemas, e os obtidos por Carvalho (1997), que aborda a sibilante enquanto marca de plural (apenas com relação aos elementos em primeira posição no SN), pode-se observar uma provável atuação do efeito funcional no falar pessoense:

Tabela 15
Apagamento da sibilante (1ª posição no SN x lexemas)

	Ap./Total	%
/s/ marca de plural (1ª posição no SN)	3528/3662	4
/s/ em lexemas	1694/6870	25

Esses resultados parecem confirmar a hipótese funcional, já que a sibilante final em palavras lexemas apresentou um percentual de apagamento maior do que em casos onde este segmento se encontra revestido de função comunicativa.

No entanto, vale salientar que Guy (*apud* Labov, 1996) se contrapõe à idéia de que a informação relevante deve ser preservada em primeiro lugar dentro de um SN, e afirma que, se ela é admitida, deve-se admitir também que a língua inglesa é primordialmente disfuncional, uma vez que preservou as marcas de plural que existiam no inglês antigo apenas no último elemento do SN, como em:

the beautiful thing/S/

Essa relação entre posição no SN e preservação da função comunicativa pode ser contestada também através dos resultados obtidos por Carvalho (1997), uma vez que tanto os elementos em primeira posição no SN como os em quarta posição apresentaram os mesmos índices (em peso relativo) de favorecimento à manutenção deste segmento, fato que fortalece a idéia de que outros fatores lingüísticos e extralingüísticos são tão importantes para o estudo do comportamento lingüístico dos falantes com relação a esse segmento quanto as considerações puramente funcionais.

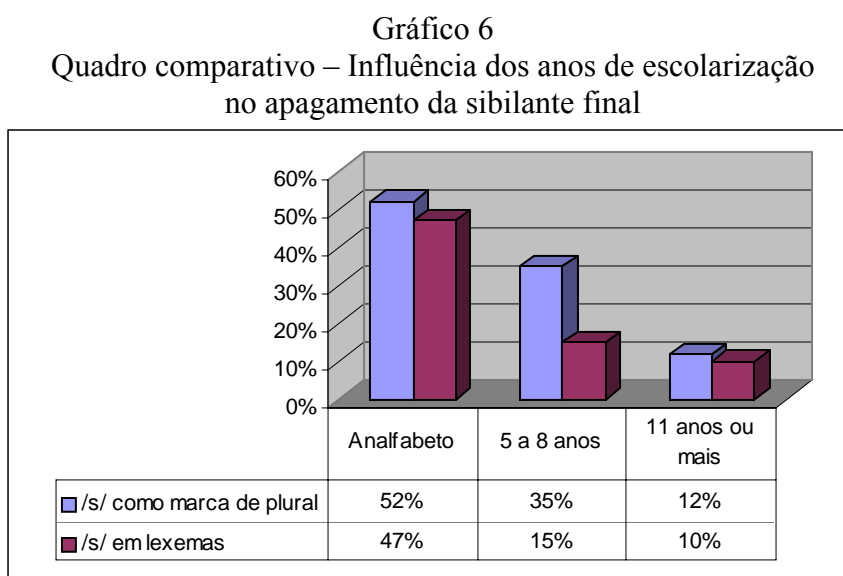
Assim, ao comparar os resultados da presente pesquisa com os resultados gerais obtidos por Carvalho (1997), encontra-se uma relação primordialmente disfuncional, como se pode observar na tabela 17:

Tabela 16
Apagamento da sibilante

	Ap./Total	%
/s/ marca de plural	5601/8503	66
/s/ em lexemas	1694/6870	25

Entre as restrições analisadas no presente trabalho e no de Carvalho (1997), após o tratamento estatístico, foram encontradas, em ambos, as variáveis extralingüísticas *anos de escolarização* e *faixa etária*, na mesma ordem de relevância⁴⁸.

Veja-se no Gráfico 6 os resultados dos dois trabalhos, em termos percentuais, com relação à variável *anos de escolarização*:



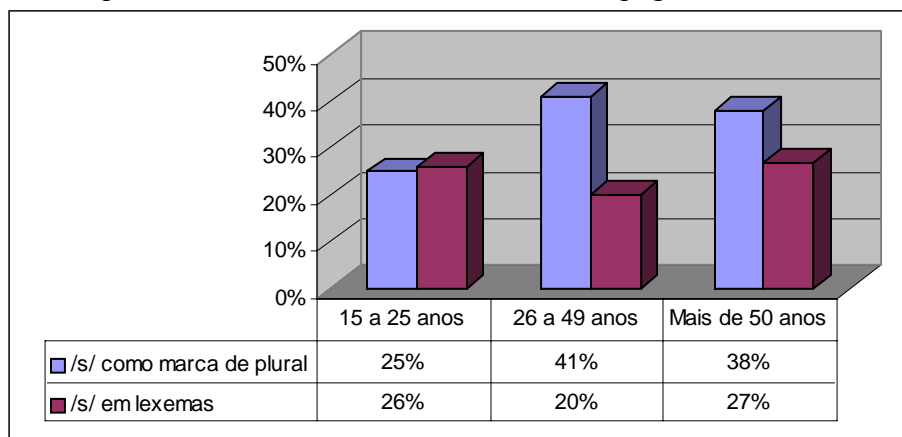
⁴⁸ No que se refere às variáveis sociais, ou extralingüísticas. Na ordem geral, no trabalho de Carvalho (1997), a variável *anos de escolarização* ficou em segundo lugar, enquanto que a variável *faixa etária* ficou em quarto.

De início, vale salientar que, nos dois trabalhos, a variável escolaridade apresentou comportamento semelhante, com os percentuais de apagamento diminuindo gradativamente à medida que aumenta o nível de escolaridade dos falantes.

Observando as relações entre os resultados dos dois trabalhos, percebe-se que, em todos os três níveis de escolaridade controlados, o apagamento se deu com maior frequência em casos de sibilante final enquanto marca de plural. Entretanto, os valores apresentados quanto aos falantes analfabetos (nenhum ano de escolarização) e aos com mais de 11 anos de escolarização são bastante aproximados, ou seja, não há diferença significativa entre o comportamento lingüístico dos falantes com relação à sibilante final, seja ela morfema de plural ou parte de lexemas.

Relação semelhante acontece quanto a variável *faixa etária*, como se pode verificar no gráfico 7:

Gráfico 7
Quadro comparativo – Influência da faixa etária no apagamento da sibilante final



Também no que se refere a essa variável percebe-se que a maioria dos resultados favorece o apagamento da sibilante como morfema de plural. Somente a faixa etária mais jovem apresentou comportamento distinto, com percentual maior de apagamento nos casos em que a sibilante final não se encontra revestida de função comunicativa; no entanto, a diferença de apenas 1% indica que o comportamento lingüístico dos falantes dessa faixa etária é semelhante com relação ao apagamento da sibilante final, em qualquer dos casos de aplicação desse segmento.

Esses resultados corroboram os apresentados pela variável escolaridade, e podem demonstrar, portanto, que o comportamento lingüístico dos falantes, apesar das restrições de caráter funcional, leva em consideração principalmente outros fatores, tanto de caráter lingüístico como extralingüístico.

Assim, esses resultados podem indicar que as restrições funcionais nem sempre atuam de maneira a impedir os processos de variação, ou seja, em outras palavras, a “*condição de distintividade*” não restringe a produção variável dos falantes (GUY, 1996).

No entanto, para uma melhor compreensão dessas relações entre forma e função lingüística seria necessária uma pesquisa mais aprofundada, na qual os fatores de ordem lingüística fossem controlados de maneira equivalente com relação às duas possibilidades de realização da sibilante final em PB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última parte do trabalho, objetiva-se realizar um resgate dos pontos mais importantes para a realização do apagamento da sibilante final em lexemas, indicando quais restrições lingüísticas e extralingüísticas contribuem com esse fenômeno.

O primeiro fator selecionado pelo Goldvarb como relevante foi a variável *anos de escolarização*. Como se sabe, a escola tem o papel primordial de propagar a norma padrão entre os falantes de uma dada comunidade. Os resultados obtidos na presente pesquisa indicam que, à medida que aumenta o nível de escolaridade, a frequência de apagamento da sibilante final diminui, com os analfabetos se mostrando como os únicos favorecedores ao fenômeno em estudo, o que está de acordo com a hipótese inicial.

Vale salientar que, ao realizar o cruzamento entre as variáveis sociais, o Goldvarb selecionou como relevantes apenas os cruzamentos em que estava envolvida esta variável, e desconsiderou o cruzamento realizado entre sexo e idade dos informantes. Esses resultados confirmam a importância da escolaridade na propagação da norma padrão, contribuindo de maneira incontestável no processo de variação da sibilante final.

As quatro variáveis selecionadas na seqüência pelo Goldvarb, após a variável *anos de escolarização*, têm caráter lingüístico, ou estrutural. Dentre as variáveis lingüísticas controladas, apenas a referente à tonicidade foi descartada pelo programa.

A primeira dessas variáveis foi a *classe gramatical*, na qual foram analisados alguns fatores como: verbos, substantivos, advérbios e outros (conjunção, pronome, numeral, adjetivo). Além desses fatores, foram analisados em separado os itens lexicais *mais* e *mas*, tendo em vista o grande número de ocorrências. Os resultados indicaram como favorecedores ao apagamento da sibilante final apenas os verbos e o item lexical *mas*, com pesos relativos de .66 e .71, respectivamente.

Em segundo lugar, foi selecionada a variável contexto fonético/fonológico precedente, na qual procurou-se abordar, sob o ponto de vista fonético, a vogal ou glide anterior à sibilante, realizando também uma separação quanto aos dados em que acontecia o fenômeno da ditongação. Os resultados indicaram que o contexto que mais favorecia ao apagamento da sibilante seria a vogal alta posterior /u/, no entanto, diante do pequeno número de ocorrências (77/189), não se pode tomar esse resultado como relevante. Desse modo, restaram nessa variável como favorecedores ao fenômeno os contextos anteriores em que aparecia o glide anterior /y/, seja em casos onde havia o processo de ditongação (.52), ou em casos de ditongo já constituído (.55), o que comprova a hipótese inicial acerca dessa variável.

O contexto fonético/fonológico seguinte foi a terceira variável selecionada pelo Goldvarb. Apenas as coronais (/d/, /t/, /l/ e /n/), as labiais (/f/, /v/, /p/, /b/, /m/) e a fricativa glotal /h/ se

mostraram como favorecedoras ao apagamento da sibilante final, com pesos relativos de .59, .54 e .83, respectivamente. As vogais (.48) e a pausa final (.47) se apresentaram como inibidoras do fenômeno, porém com resultados muito aproximados ao ponto neutro. Os segmentos que apresentaram resultados realmente inibidores foram as dorsais /k/ e /g/, com um peso relativo de .37. Vale ressaltar que o resultado obtido com relação às vogais comprova a hipótese de que atuariam como inibidoras do fenômeno em estudo.

A última variável lingüística selecionada pelo Goldvarb avaliava o número de sílabas das palavras em que aparecia a sibilante final. Os resultados demonstram que apenas as palavras dissílabas são favorecedoras ao fenômeno, com um peso relativo de .68.

As duas últimas variáveis selecionadas pelo Goldvarb são de caráter extralingüístico, a saber: idade e sexo. Na análise dessas variáveis, foram incluídos os resultados que foram obtidos do cruzamento entre elas e a escolaridade.

A estratificação dos informantes por *faixa etária* objetiva, nos estudos sociolingüísticos, analisar os fenômenos com relação a prováveis processos de mudança em curso, através da reconstrução de estágios da língua pelo construto analítico do tempo aparente, como foi explicado no capítulo 2, que trata da fundamentação teórica. Os resultados confirmam a hipótese inicial, pois indicam que o fenômeno em estudo encontra-se em processo de variação estável, uma vez que os falantes mais jovens e os mais idosos possuem índices de apagamento muito aproximados (.55 e .54, respectivamente). Os resultados obtidos no cruzamento entre escolaridade e idade também confirmaram a hipótese inicial.

Quanto à variável sexo, última selecionada pelo Goldvarb, foi observado que as mulheres se mostraram mais sensíveis à aplicação da norma padrão, inibindo, portanto, o apagamento da sibilante final (.48), enquanto que os falantes do sexo masculino se mostraram como favorecedores (.52). No entanto, cumpre ressaltar que os valores apresentados são muito aproximados ao ponto neutro, o que pode nos indicar uma tendência à padronização do comportamento lingüístico de homens e mulheres, tendo em vista a convergência entre as funções sociais de ambos os sexos. Essa proximidade entre os valores também se refletiu nos resultados obtidos no cruzamento entre sexo e escolaridade.

Na última parte da análise foi realizada uma comparação, em termos percentuais, entre os resultados da presente pesquisa e os de Carvalho (1997), utilizando as variáveis sociais faixa etária e anos de escolarização, na intenção de suscitar uma breve discussão acerca das relações entre forma e função lingüística.

Nesse tópico comparativo, os resultados apontaram que o falante pessoense realiza em maior frequência o apagamento da sibilante em casos nos quais ela aparece como morfema de plural, o que corrobora a afirmação de Labov (1996) de que *a evolução histórica do sistema de fonemas não está estreitamente controlada por funções comunicativas, pois a necessidade de preservar informação poderia omitir-se por causa de outros fatores diversos.*

Assim, a partir dos resultados obtidos, pode-se inferir que a presença de função comunicativa não implica necessariamente em manutenção da sibilante final, e que o seu processo de variação é influenciado primordialmente por fatores de ordem estrutural (lingüísticos) e/ou social (extralingüísticos).

Por fim, vale destacar que, das hipóteses iniciais, somente a referente ao papel da tonicidade não foi confirmada, pois essa restrição não foi considerada relevante pela análise estatística realizada com o programa computacional Goldvarb.

Deste modo, espera-se ter contribuído com o presente trabalho para a elaboração do perfil do falante pessoense, e, indiretamente, contribuído também para ampliar os conhecimentos gerais acerca do Português falado no Brasil.

REFERÊNCIAS:

AQUINO, Maria de Fátima. Uso variável do ditongo em contexto de sibilante. In: HORA, Dermeval da (org.). **Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: Idéia, 2004.

BORGES NETO, José. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e Variação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear**. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de mestrado.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. **Estilística e gramática histórica: português através de textos**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1978.

CARVALHO, Hebe Macedo de. **Concordância Nominal**: uma análise variacionista. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 1997.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

CLEMENTS, George; KEYSER, S. J. **CV Phonology: a generative theory of the syllable**. Cambridge: MIT Press, n. 9, 1983.

COLLISCHONN, Gisela. A Sílabas em Português. In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CORVALÁN, Carmen Silva. **Sociolingüística**: teoría y análisis. Madrid: Alhambra, 1989.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2003.

FARIA, Ernesto. **Fonética histórica do latim**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

GRYNER, Helena; MACEDO, Alzira Verthein T. de. A pronúncia do –s pós-vocálico na região Cordeiro – RJ. In: MOLLICA, Maria Cecília; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Análises lingüísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

GUY, Gregory R. Form and function in Linguistic Variation. In: GUY, Gregory R. *at al* (eds). **Towards a Social Science of Language**. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.

HORA, Dermeval; PEDROSA, Juliene (orgs.). **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba**. João Pessoa: Idéia, 2001.

LABOV, William. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. **Princípios del cambio lingüístico**. Vol. 1. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

MARQUILHAS, Rita. Mudança lingüística. In: FARIA, Isabel Hub et al. (orgs.) **Introdução à lingüística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. Sociolinguistics method and interpretation. In: **Handbook of Sociolinguistic**. Oxford: Blackwell, 2003.

PERINI, M. A. **A Gramática gerativa**: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. Belo Horizonte: Vigília, 1976.

PINTZUK, S. **VARBRUL Programs**. University of Michigan, 1988. (mimeo)

ROBINSON, John. **Goldvarb 2001**. Variable rule analysis. University of York: Department of Language and Linguistic Science, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

SCHERRE, Marta Maria Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

_____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1990a.

_____. **Tempos lingüísticos**: Itinerário histórico da língua portuguesa, São Paulo: Ática, 1990b.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução por Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.